

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE LITORAL NORTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

Leticia de Freitas Mentiacca

**CAPOEIRA E O FEMININO ANCESTRAL:
PISTAS PARA DESCOLONIZAR A ESCOLA**

OSÓRIO 2024

Leticia de Freitas Mentiacca

**CAPOEIRA E O FEMININO ANCESTRAL:
PISTAS PARA DESCOLONIZAR A ESCOLA**

Pesquisa apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação - Mestrado Profissional em Educação PPGED/UERGS como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Artes em contextos educacionais.

Orientador: Dr. Eduardo Iyetumbi Guedes Pacheco.

OSÓRIO 2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M549c Mentiacca, Leticia de Freitas

Capoeira e o feminino ancestral: pistas para descolonizar a escola / Leticia de Freitas Mentiacca; orientação: Prof.º Dr.º Eduardo Iyetumbi Guedes Pacheco. - Osório, 2024.

97 f. : il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Educação, Osório, 2024.

1. Capoeira. 2. Escola. 3. Educação para as Relações Étnico Raciais (ERER). 4. Matrigestão. 5. Oralitura. I. Pacheco, Eduardo Iyetumbi Guedes. II. Título.

Leticia de Freitas Mentiacca

**CAPOEIRA E O FEMININO ANCESTRAL:
PISTAS PARA DESCOLONIZAR A ESCOLA**

Pesquisa apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação - Mestrado Profissional em Educação PPGED/UERGS como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Artes em contextos educacionais.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Eduardo IYETUMBI Guedes Pacheco (UERGS)
Orientador

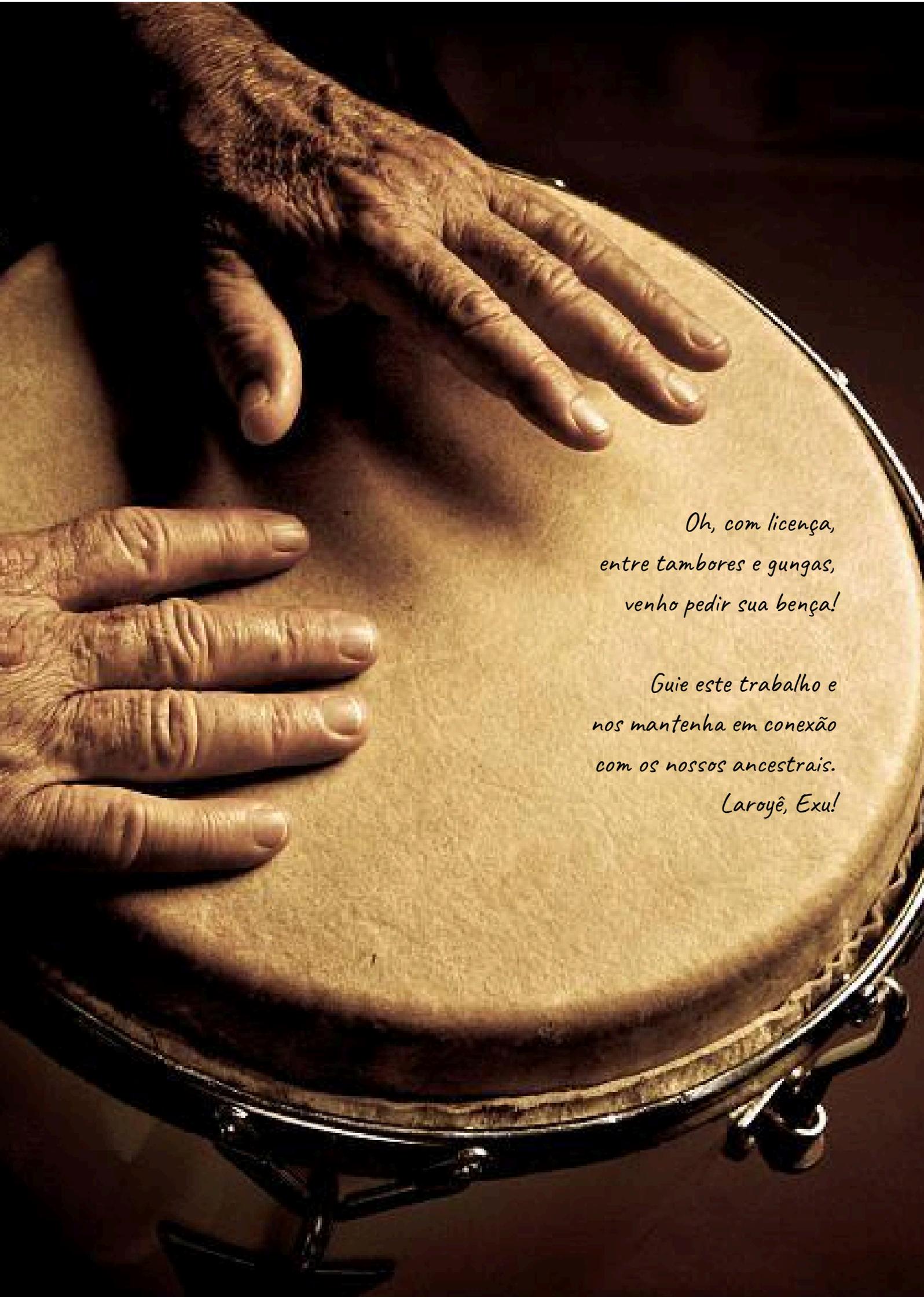
Profa. Dra. Carmen Lúcia Capra (UERGS)
Membro Titular

Profa. Dra. Gládis Kaercher (UFRGS)
Membro Titular Externo

Profa. Dra. Martha Giudice Narvaz (UERGS)
Membro Titular

Convidada Especial

Me. Janine Nina Fola Cunha (UFRGS)

A close-up photograph of two hands, likely belonging to an elderly person, resting on the light-colored, textured head of a drum. The hands are positioned on the left side of the frame, with fingers spread across the drumhead. The lighting is dramatic, highlighting the texture of the skin and the drumhead against a dark background.

*Oh, com licença,
entre tambores e gungas,
venho pedir sua bença!*

*Guie este trabalho e
nos mantenha em conexão
com os nossos ancestrais.*

Laroyê, Exu!

A professora bell hooks narrou em seu livro, Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade (2017) sua ingenuidade ao imaginar que “receberia orientação espiritual e intelectual da parte de escritores, pensadores e acadêmicos no contexto universitário.” E afirma que encontrar tal coisa seria o mesmo que descobrir um tesouro precioso. Ela coloca ainda que a maioria dos professores pareciam fascinados pelo exercício do poder e da autoridade dentro do seu reininho - a sala de aula.

Apresento aqui um caminho, um percurso, um curso. Resultado de minha trajetória, contos e encontros. Sou movida pelo amor, pelo respeito e principalmente pela gratidão. Honro a todos que atravessaram meu caminho e, agradeço imensamente aos que compartilharam momentos, vínculos e afetos. Não estou só, não ando só, não escrevo só! Estou rodeada de familiares, amigos e sigo ORI-entada pelo tesouro precioso que encontrei neste curso.

Salve senhor Eduardo Guedes Pacheco, professor, doutor, exemplo de docência respeitosa e fonte de muita inspiração.

Gratidão por tudo, meu ORI-entador!

Axé, Edu IYETUMBI!

Agradecimentos

Agradeço aos meus orixás por tamanha generosidade e a minha ancestralidade pela sabedoria e pelo tempo.

Agradeço à minha mãe, uma mulher inteligente e corajosa, que soube conduzir seus filhos a trilharem suas vidas de maneira autônoma e esteve sempre por perto quando mais precisei.

Agradeço à minha avó que percorreu essa luta primeiro. Que foi audaciosa, ousada e muito assertiva. Estudar sobre feminismos me trouxe um sentimento de honraria de sua trajetória. Minha avó partiu cedo e eu ainda não percebia a grandiosidade de seus posicionamentos. Hoje sei que chegar até aqui, foi continuar a história que ela pertenceu.

Agradeço ao meu irmão, minha referência de questionamentos e problematizações. Com ele nada foi simples, raso ou rápido. Ter tido o privilégio desta formação de vida, não tem preço.

Agradeço ao meu marido que topou esse grande desafio que é a união de heterogêneos, meu parceiro de vida, de lutas e alegrias.

Agradeço às professoras que tive e, que me ajudaram a percorrer cada passo deste caminho até aqui.

Agradeço aos meus alunos, e pela oportunidade de viver momentos de carinho e afeto em sala de aula. Lembro que, certa vez, uma aluna me perguntou se eu não trabalhava. Ela percebia que diariamente seus pais a deixavam na escola e iam trabalhar e ela nunca viu eu ir trabalhar. Lembro disso com alegria na alma, por saber que é possível uma docência compartilhada de amor e afeto.

Agradeço aos meus filhos pela partilha diária de ensinamentos e momentos memoráveis. Vê-los crescer é a maior dádiva da minha vida.

Resumo

A capoeira é um movimento negro de resistência social, cultural e ancestral, (PINHO, 2021) e foi atravessada pela colonialidade instaurada no Brasil por mais de quatro séculos. Os modos de ser e estar femininos foram limitados e estereotipados, tensionando um movimento de desvalorização das mulheres, as quais representam maioria no quadro de ensino brasileiro. Usando a prerrogativa de pesquisar uma educação decolonial, descolonizante e antirracista, esta pesquisa buscou referências nos modos de ser e estar com e no mundo, ancestrais e afrocentrados propondo pistas educacionais contrárias às encontradas no modelo eurocentrado que conhecemos, traçando linhas de fuga para driblar ou gingar com o sistema de ensino colonizador que praticamos. A escola onde a pesquisa se desenvolve pertence à rede pública estadual e está situada no litoral norte do Rio Grande do Sul, localizada entre o rio Tramandaí e as águas salgadas do mar, de onde podemos refletir acerca do caminho que os povos africanos percorreram na travessia cruel pelo oceano Atlântico. Esta proposta de pesquisa do curso de mestrado profissional do programa PPGEd/UERGS se desenvolveu na escola básica, com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental que por sua vez é o terreno/terreiro escolhido para oferecer resistência e matrigestar a potência de uma educação política, antirracista e afetuosa (KATIUSCIA RIBEIRO, 2013) (bell hooks, 2013). A capoeira é apresentada como estratégia educacional para corpografar, embalar e ori-entar este trabalho para que possamos performar floreios, rasteiras e esquivas na educação, referenciando quem veio antes e valorizando quem virá depois, aos modos de resistência ancestrais (LED MARIA MARTINS, 2021). Carecemos de informações oriundas de outras fontes, que não sejam alicerçadas nas narrativas ocidentais (CHIMAMANDA ADICHIE, 2018). Em meio a tantos caminhos possíveis, a escolha metodológica se deu a partir de críticas e observações acerca dos modos de como a história do povo negro é apresentada na escola e principalmente do lugar que a branquitude tem nesta construção histórica que invisibiliza e minimiza as potências de inteligência e criação de culturas africanas e afrobrasileiras (CIDA BENTO, 2022). Para tanto, tomo a oralitura como caminho de condução e problematização destas questões sociais que precisam ser discutidas e ressignificadas na escola. A educação para as relações étnico raciais e a capoeira foram a maneira encontrada para promover conhecimento sobre os povos africanos, tensionando questionamentos e reflexões em sala de aula, as quais pretendemos compartilhar neste projeto.

Palavras-chave: Capoeira; Escola; Educação para as Relações Étnico Raciais (ERER); Matrigestão; Oralitura.

Abstract

Capoeira is a black movement of social, cultural and ancestral resistance (PINHO, 2021) and was crossed by coloniality established in Brazil for more than four centuries. Women's ways of being were limited and stereotyped, causing a movement to devalue women, who represent the majority in Brazilian education. Using the prerogative of researching a decolonial, decolonializing and anti-racist education, this research sought references in ancestral and Afro-centered ways of being with and in the world, proposing educational clues contrary to those found in the Euro-centered model that we know, tracing lines of escape to circumvent the system or jibe with the colonizing education system that we practice. The school where the research is carried out belongs to the state public network and is located on the north coast of Rio Grande do Sul, located between the Tramandaí River and the salty waters of the sea, from where we can reflect on the path that African people took in crossing cruel by the Atlantic Ocean. This research proposal for the professional master's degree course of the PPGEd/UERGS program was developed in the basic school, with students from the initial years of elementary school, which in turn is the terrain chosen to offer resistance and matrigest the power of a political education, anti-racist and affectionate (RIBEIRO, 2013) (hooks, 2013). Capoeira is presented as an educational strategy to embody, package and guide this work so that we can perform flourishes, tricks and dodges in education, referencing those who came before and valuing those who will come after, to ancestral modes of resistance (MARTINS, 2021). We lack information from other sources, which are not based on Western narratives (ADICHIE, 2018). Among so many possible paths, the methodological choice was based on criticism and observations about the ways in which the history of black people is presented at school and mainly the place that whiteness has in this historical construction that makes invisible and minimizes the powers of intelligence and creation of African and Afro-Brazilian cultures. For many generations, these concepts were transmitted to other generations through orality and educational performances, so I take orality as a way of guiding and problematizing these issues. Education for ethnic-racial relations and capoeira were the way found to promote knowledge about African people, raising questions and reflections in the classroom, which we intend to share in this project.

Keywords: Capoeira; School; Education for Ethnic and Racial Relations (ERER); Matrigestion; Oralitura.

Guia de Imagens

Imagem 1 - Bater tambor.....	04
Imagem 2 - Guia de Esú Bará.....	11
Imagem 3 - Texto circular: Roda.....	12
Imagem 4 - Mestranda Kalú (QrCode).....	17
Imagem 5 - Floreio.....	19
Imagem 6 - Quando eu venho de Luanda (Qr Code).....	22
Imagem 7 - Roda de Capoeira.....	34
Imagem 9 - Nutrir.....	39
Imagem 10 - Tocar berimbau.....	43
Imagem 11 - Sojourner Truth e, não sou uma mulher?.....	44
Imagem 12 - Leda Maria Martins.....	55
Imagem 13 - A Escola.....	56
Imagem 14 - Encruzilhada.....	57
Imagem 15 - Chamada.....	61
Imagem 16 - Brainstorming.....	64
Imagem 17 - Praia.....	69
Imagem 18 - Monumento Yemonjá.....	71
Imagem 19 - Representação de Yemonjá.....	74
Imagem 20 - Caricatura.....	75
Imagem 21 - Pacto da Branquitude.....	76
Imagem 22 - Estereótipos.....	78
Imagem 23 - Algoz.....	79
Imagem 24 - Pai Francisco.....	80
Imagem 25 - Maise (QrCode).....	85



Guia de Trabalho

1 Encruzilhada	12
Introdução: O jogo vai começar!	13
Vai começar a ladainha!	15
2 SOBRE A CAPOEIRA	18
Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer!	20
3 SOBRE O FEMININO (Marcas do Colonialismo)	
Tentaram nos enterrar, mas não sabiam que éramos sementes	28
Cada dia, a mesma coisa, me ensina outra	31
E não sou uma mulher?	35
4 SOBRE A ESCOLA (A Europa é indefensável)	
Somente uma mão sã, pode carregar veneno	39
5 TUDO INTERLIGADO	
Método, oralituras, performances	46
6 É PRECISO UMA ALDEIA INTEIRA PARA SE EDUCAR UMA CRIANÇA	
7 A ESCOLA	
Se quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá em grupo	52
8 FECHAMENTO	
9 PRODUTO	48
10 REFERÊNCIAS	

Qual a *cor* da sua dor?

Um ponto de vista ou a vista de um ponto?

Terra à vista!

Forma de pagamento: adiantamento ou adiamento?

Um ponto coletivo.

Bater o ponto;

Puxar um ponto;

Cantar um ponto...

Pontuar o problema. *Qual é o ponto?*

Ao iniciar minha escrita, sinto-me perdida, como se as palavras estivessem em linhas de fuga, os pensamentos são interrompidos por delírios que não me permitem colocar no papel as vivências de uma vida. Um sentimento de angústia toma conta de mim, há prazos a serem cumpridos, enxergo o tempo como um inimigo que me espanta as palavras. Isso muito me incomoda, porque não quero pensar o tempo como inimigo. Quero pensar no tempo não linear, um tempo curvo e em movimento, companheiro e mensageiro. Um tempo em espiral.

Em meio ao caos que se instaura, fecho os olhos, respiro fundo, vou organizando meus pensamentos. Sinto que meu coração se aquieta... não estou só! Estou em uma encruzilhada!

A cultura negra é uma cultura das encruzilhadas. Nas elaborações discursivas e filosóficas africanas e nos registros culturais delas também derivados, a noção de encruzilhada é um ponto nodal que encontra no sistema filosófico-religioso de origem lorubá uma complexa formulação. Lugar de interseções, ali reina o senhor das encruzilhadas, portas e fronteiras, Èsù! (Leda Maria MARTINS, 2022 p.52)

Em muitas culturas africanas e afro-brasileiras, assim como em suas religiões, a encruzilhada é o lugar sagrado das intermediações entre sistemas e instâncias de conhecimento diversos. Início, por assim dizer, esta escrita me colocando nesse lugar de multiplicidade, onde o fim é o começo e o começo se mistura com o hoje, o ontem e o amanhã. Há novos caminhos a serem percorridos? Há conexões a serem feitas? Me coloco em desterritorialização, me desprendo de algumas certezas para me encontrar com outros saberes, sem compreender ao certo onde isso irá me levar.

Estes encontros de territórios e pensamentos foram possibilitados pela minha inserção no curso de Mestrado Profissional de Educação nesta Universidade que é pública e exerce seu posicionamento político, direcionando olhares e percepções. Que aponta para alguns problemas que encontramos na educação brasileira hoje e nos questiona a buscar caminhos diferentes dos oferecidos, que resultem em soluções possíveis para a melhoria da qualidade na educação.

Então, me proponho a entrar no jogo e, devolvo o questionamento: como modificar o futuro sem olhar para o passado?

Sou uma mulher capoeirista, uma mãe, filha, professora, aluna. Mulher branca que tenta raspar o preconceito e perceber os privilégios que a branquitude me trouxe.

“A herança branca contém marcas da apropriação de bens materiais e imateriais, originárias da condição de descendente de escravocratas e colonizadores e é uma herança frequentemente tratada como mérito para legitimar a supremacia econômica, política e social. Essa herança fortalece a autoestima e o autoconceito da população branca tratada como "grupo vencedor, competente, bonito, escolhido para comandar" (CIDA BENTO, 2022, pág.120).

E, assim, eu entendi por anos e anos que mesmo vindo de uma família pobre, a maneira pela qual algumas pessoas venciam na vida era através da Meritocracia, do esforço. Fui ensinada desta maneira, não havia problematização sobre isso. Os lugares que eu frequentava eram de maioria branca, as questões étnicas raciais não eram discutidas e foi assim, na infância, na escola... Até que em 2001 eu entrei na capoeira, no grupo Nação em sua sede em Alvorada, cidade conhecida por ser periférica e violenta. Foi então que comecei a perceber as letras das músicas, as histórias de dor, de sofrimento e, sobretudo, uma perspectiva que não foi vista em nenhum capítulo dos livros da escola.

Trabalho há mais de 20 anos com educação e, na minha trajetória, assim como em outros lugares, a maioria do quadro docente é formado por mulheres brancas que assim como eu, por vezes seguem sua prática docente com poucos ou nenhum questionamento acerca de seus privilégios, contribuindo para a estrutura racista e para outros problemas que afetam a sociedade como o machismo e a misoginia.

É preciso, então, reavaliarmos o processo pelo qual a educação se estrutura e repensarmos nossa prática docente, tomando os estudos decoloniais e a educação para as relações étnico raciais como pontos de partida.

IÊ!

Interrompo aqui meu devaneio (por um momento) ouço um som. Um som grave e contínuo.

DOM, DOM, DOM

Gunga¹ tá chamando!

A roda se fecha, o pensamento se eleva, passado e presente se fundem.

O tambor conecta a ancestralidade. Repete-se o irrepetido!

Dois corpos se curvam ao pé do berimbau, olhos nos olhos, coração acelerado. O jogo vai começar!

¹ Gunga: Berimbau com a maior cabaça (circunferência do porongo), possui um som mais grave que os demais berimbaus e é responsável por organizar a roda de capoeira. Geralmente tocado por quem está coordenando a roda, mestras, mestres, professoras e professores mais antigos.

INTRODUÇÃO

A capoeira é uma manifestação/criação dos Africanos em terras brasileiras. Carrega consigo os princípios de uma complexa forma de ser e pensar com e no mundo. Estes princípios foram atravessados pela realidade que os negros vivenciaram no Brasil. A presença da mulher na capoeira e os desafios que enfrentam ao longo da história nos provocam a pesquisar as interferências que a colonialidade causou na capoeira, especificamente na representação do feminino e nos modos de atuação da mulher na capoeira.

Proponho pensar o tema através da cosmopercepção da professora e socióloga nigeriana, doutora premiada em suas pesquisas, Oyèrónkẹ Oyěwùmí, que discute os discursos ocidentais de gênero e propõe um sentido africano para o feminino, a Matripotência. Também embasado pelas pesquisas de Osmundo Pinho, sociólogo brasileiro, mestre em antropologia e pós doutor em Estudos da Diáspora Africana nos Estados Unidos, sobre Cativo, Antinegitude e Ancestralidade (2017) e seus argumentos para defender a cultura dos povos africanos e principalmente a autoria em vários aspectos do conhecimento e produção de pensamento. Outros pontos serão trazidos nas obras da autora Katiuscia Ribeiro, mulher negra, nascida e criada em um quilombo no Rio Grande do Sul, doutora em Filosofias Africanas, compõe a escrita com sua luta de valorização da ancestralidade africana e que propaga, junto com a professora Aza Njeri, o conceito de mulherismo africano aqui no Brasil. Esta pesquisa foi impulsionada pela crítica da pesquisadora Chimamanda Ngozi Adichie, pesquisadora nigeriana, mestre em Artes e Estudos Africanos, que discute sobre os perigos de mantermos um único posicionamento sobre aspectos fundantes da história. Para pensar a escola, a professora bell hooks que problematiza as desigualdades sociais, de gênero e apresenta uma proposta de afetividade e resistência, inspirada em Paulo Freire, grande ícone da educação brasileira, crítico do modelo opressor (colonizador) de educação. Atravessada pelas performances das oralituras da professora Leda Maria Martins que espiralou o tempo e poetizou o corpo em tela. Para pensar a capoeira, o olhar cirúrgico da historiadora, pós-doutora em ciências sociais, professora no Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo na UFBA e Mestre de Capoeira Angola, co-fundadora e coordenadora do Instituto Nzinga e Estudos da Capoeira Angola e Tradições Educativas Banto no Brasil/INCAB, professora Rosângela Araújo, mais conhecida com Mestre Janja.

Este trabalho busca problematizar a perspectiva do feminino no espaço escolar através do convite feito pelos autores citados, em especial, tendo a capoeira como principal terreno terreno para realizarmos esta discussão. Para tanto, as questões de pesquisa que ajudam na elaboração deste trabalho são:

1. Quais as performances do feminino elaboradas pelas histórias ocidentais?
2. Como as representações ocidentais sobre o feminino incidem nos modos de atuação da mulher na capoeira?
3. Como propor experiências decoloniais e descolonizantes de ensino e aprendizagem na escola através da capoeira?
4. Como a escola pode repensar o feminino através da capoeira?



Vai começar a ladainha!

“Uma vez, perguntaram a Seu Pastinha o que era a capoeira.
E ele, Mestre velho e respeitado, ficou um tempo calado, revirando a sua alma.

Depois, respondeu com calma, em forma de ladainha:

A capoeira é um jogo, é um brinquedo,

É se respeitar o medo e dosar bem a coragem...

É uma luta, é manha de mandingueiro, é um vento no veleiro,

É um lamento na senzala.

É um corpo arrepiado, um berimbau bem tocado

O sorriso de um menininho

A Capoeira

É o vôo de um passarinho, bote de cobra coral

Sentir na boca, todo o gosto do perigo, é sorrir para o inimigo ao apertar a sua mão.

É o grito de Zumbi, ecoando no Quilombo

É se levantar de um tombo, antes de tocar o chão

É o ódio

É a esperança que nasce... o tapa explodiu na face, foi arder no coração

Enfim, aceitar o desafio, com vontade de lutar

A CAPOEIRA, É COMO UM BARQUINHO,

SOLTO NAS ONDAS DO MAR!

IÊ! Viva meu Deus camará!”

(MESTRE TONI VARGAS - S/D)



Exú organiza os fluxos, as movimentações, sei que minha chegada até aqui se deu por sua vontade, mas ao ingressar neste caminho, ouvi um chamado... Foram os cantos da sereia que embalaram meus pensamentos. E foi atendendo ao seu convite que fui me desterritorializando, navegando por onde nunca havia estado.

Mudei e estou em processo de mudança. Partindo da lógica de quem se é a cada momento, como Souza (2020), a “incompletude move a nossa vida na perspectiva de que somos formados à medida que temos novas experiências e elas continuarão acontecendo”.

Sigo solta, mas não estou à deriva! Sinto que estou sendo conduzida pelas ondas do mar. Ondas que me encham de pensamentos e sentimentos que, às vezes, nem parecem ter saído da minha cabeça. Há alguns rumos possíveis, a trajetória está apenas no início, não sei ainda onde tudo isso vai dar, mas compreendo que há muito que se aprender na travessia, na verdade, preciso confessar: estou com medo, este é também um lugar de não retorno, de morte. Incertezas tomam conta do meu pensar, sentir e minha escrita se interrompe.

...

Só consigo pensar em direções que não quero ir. Tento fugir dos caminhos que o colonizador nos colocou, quero escapar da normativa homem, branco, heterossexual, cristão. Desejo trabalhar no chão da escola, com minha turma de alfabetização, atuando todos os dias com eles, construindo e pensando maneiras de decolonizar e descolonizar nossas aprendizagens, aprendo diariamente. Vivencio tudo como se fosse a primeira vez e, de fato, é. Esta é a primeira vez que chego à escola e me ponho a aprender com e junto dos meus alunos. Reviso uma a uma as histórias que ouvimos, cada imagem no material didático, à disposição dos assentos, a escolha por conteúdos ou a maneira com que uso os conteúdos que a escola me condiciona a usar. Faço isso com muito empenho e tomando ciência dos riscos que corro em ser capturada a qualquer momento pelo sistema que estou protestando.

A colonização se deu em todas as áreas: corpo, mente, arte, religião, passado e futuro. Tudo pensado para nos mantermos presos a este sistema. Foi a capoeira que me libertou, me despertou para abrir os olhos e enxergar coisas que estavam encobertas, histórias mal contadas, fatos omitidos...

Hoje, fecho os olhos e tento perceber coisas que a visão não alcança. Tomando o conceito de cosmopercepção, cunhado pela professora Oyeronke

(2021). Sigo em busca de sentidos africanos para conduzir minhas práticas que vão além dos muros da escola e me atravessam como um todo.

*“Vejo o balanço do mar,
na praia de Amaralina.
Ouço o berimbau tocar,
sinto a presença de Bimba.
O vento balança o coqueiro,
meu **corpo** se embala na ginga,
queria eu voltar no tempo...”*
(Autor desconhecido)

A cosmopercepção está sendo utilizada aqui, como oposição ao pensamento colonial, que privilegia a visão em detrimento de outros sentidos, para que possamos nos conectar aos modos de pensar e agir com e sobre o mundo tomando o continente Africano como referência. Admitindo que somos seres complexos, dotados de intuições e ancestralidades que a visão não dá conta de explicar.

Alia-se aqui outro pensamento importante, inspirado na obra póstuma de Fanon (1964), “Em defesa de uma revolução africana” a ideia de total oposto, ora, se a base que estrutura o colonialismo está na manutenção do sistema patriarcal, homem, branco, heterossexual e cristão uma saída possível está na inversão de seus valores. Então, para compor esta escrita, foram escolhidas mulheres negras e autores também negros, que defendem a ancestralidade e a religiosidade africana, mas que, principalmente, reverenciam o feminino como sagrado.

Sobre A Capoeira



A rasteira veio antes que se pudesse entender o que estava acontecendo...
O dia se fez noite ou seria a noite que se fez dia?

A beleza foi perseguida
O corpo aprisionado
Por ironia, a alma se fez poesia.

Quer escravizar o corpo?
Roube sua arte, sua crença, sua energia

mas a alma ainda está viva... ficou em pé, graças a sua fé
Axé!

Grandes artistas, poetas e malandros

RESISTÊNCIA!!!

Palavra que o colonizador não conhecia.

“quando eu venho de Luanda, eu, não venho só”
O que veio comigo?
O que resistiu?
O que ELE NÃO pôde matar?

O SANTO É FORTE!

E, somente assim, para suportar uma maldade tão grande!

MÃE ÁFRICA

Qual mãe suporta ver o filho sofrer?
Orixá protegeu
Abençoou cada partida
Sofre quem vai
Chora quem fica

RESISTÊNCIA!!!

O grito ecoa na alma
A potência extravasa no corpo

Quem me vigia não dorme!
Ninguém esqueceu o que aconteceu

A mãe sofreu
O filho cresceu,
A dor segue, **A LUTA TAMBÉM!**

“Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer!”²

A capoeira é uma criação dos africanos escravizados, para sobreviver em terras brasileiras, ela tem raízes africanas³. É fundamentada em valores civilizatórios complexos, unindo modos de ser e pensar afrocentrados com estratégias de sobrevivência e manutenção de saúde física e mental, aliados à preservação de suas raízes culturais e valores ancestrais.

Aqui no Brasil são frutos dos nossos ancestrais, a capoeira, os quilombos, a música, a filosofia, os terreiros, as histórias contadas de geração em geração e tantos outros saberes que nos permitiram chegar até aqui e nos mantêm firmes nessa travessia de sobrevivência.

Estes princípios foram atravessados pela realidade que os negros vivenciaram no Brasil, a escravidão foi a coisa mais perversa que a humanidade já presenciou e deixou marcas que transpassaram o tempo. Usando o conceito de Aimé Césaire, em seu livro, Discurso sobre o colonialismo: “A Europa é indefensável” (1978). A trajetória da população europeia pelo mundo é marcada por atos cruéis, exploratórios e discriminatórios. A população africana foi constantemente perseguida e inferiorizada. A capoeira surge no Brasil disfarçada de dança, os seres humanos africanos escravizados aqui, utilizavam cantigas, formavam rodas e faziam movimentos acrobáticos com o próprio corpo. Esta foi a maneira encontrada para manterem sua força física, agilidade e resistência. As músicas entoadas, narram suas trajetórias, referenciam a África, a travessia com o navio negreiro, lamentavam suas mazelas e também preservavam suas memórias e tradições. Tais valores imensuráveis para a continuidade de sua cultura e para o aprendizado das novas gerações.

² Conceição Evaristo, em seu livro de contos “Olhos d’água”, 2014.

³ Historicamente, a capoeira é símbolo de resistência dos povos negros. Apesar de não ser possível precisar o local do seu surgimento é consenso, sobretudo entre praticantes da capoeira tradicional, (angoleiras e angoleiros), que a capoeira tenha raízes no continente africano, fazendo parte do conjunto das vivências culturais diaspóricas a formar a identidade cultural dos(as) brasileiros(as). (Janja ARAÚJO, 2022).

As culturas africanas são orais e privilegiam suas corporeidades, compreendendo que o corpo é também um território e carrega consigo a ancestralidade. Como afirma Leda Maria Martins (2022 p.32):

“(...) em África, foi "por meio de aquisição e transmissão orais que os valores culturais se perpetuaram". E conclui: Portanto, quando falamos de oralidade como característica do campo cultural africano, pensamos numa dominante e não numa exclusividade. Neste sentido, a oralidade numa cultura permite privilegiar o aspecto oral na aquisição e transmissão dos conhecimentos e dos valores, dispondo de um meio de fixação específico.”

Sendo assim, a capoeira torna-se uma criação de autodefesa, não somente física, mas principalmente para manutenção de saberes culturais, espirituais e sociais africanos no Brasil. Colaborando para a manutenção da saúde física e mental da população negra.

IÊ,

O berimbau aponta o centro da roda, autorizando a saída do jogo.

Dois corpos se entrelaçam em um pequeno espaço quase sem se tocar.

É possível conviver, interagir, extravasar e ainda assim, respeitar o espaço do outro, compreendendo seu corpo como território.

No berimbau, o Mestre observa se seu aprendiz tem conseguido colocar em prática seus ensinamentos... Pode ser em uma praça, ao ar livre, na beira da praia ou na escuridão da senzala.

Todos participam, mesmo quem está ao redor, compondo um círculo de afetos, música, dança e olhares. Mas, nem tudo são flores, há momentos de tensão, afinal de contas, o dia a dia em terras brasileiras era uma luta de sobrevivência (e ainda é). Às vezes o “santo não bate”, a vaidade toma conta, o clima esquenta!

O capoeira é testado... pé ligeiro, cabeça fria...

O floreio acerta em cheio!

O Mestre interfere.

IÊ!

A roda pára.

O Mestre fala...

Senta, escuta, lá vem lição!

A capoeira é um produto da diáspora africana, ela se conecta e valoriza as tecnologias e cosmopercepções africanas fundamentadas na circularidade, musicalidade, corporeidade, oralidade e a ancestralidade. Tais elementos se apresentam e fundamentam a prática da capoeira até os dias atuais. Pensar a cosmopercepção de maneira segmentada é atender as exigências do colonialismo, não há como dissociá-las. A professora Leda Martins (2022), explica os modos de pensar e agir com e no mundo nas culturas afrocentradas e fortalece a concepção de interligação:

“Grafar o saber não era, então, sinônimo de domínio de um idioma escrito alfabeticamente. Grafar o saber era, sim, sinônimo de uma experiência corporificada, de um saber encorpado, que encontrava nesse corpo em performance seu lugar e ambiente de inscrição. Dançava-se a palavra, cantava-se o gesto, em todo movimento ressoava uma coreografia da voz, uma partitura da dicção, uma pigmentação grafitada da pele, uma sonoridade de cores. Do corpo advinha um saber aurático, uma caligrafia rítmica, corpora de conhecimento. Em um dos mais antigos registros da sabedoria Tolteca, a instalação de uma nova cidade se iniciava não com a finalização das habitações, das ruas, dos templos, mas, sim, e tão somente, quando os cantos e as músicas se faziam ouvir e os tambores rufavam. Cantar, dançar. Fundava-se, assim, o lugar e a civilização. (pag. 36. 2022)

A organização da roda se dá em um círculo, onde todos estão voltados ao centro, concentrando suas energias ao momento vivido, os olhos alcançam a todos e há comunicação através destes olhares. O círculo abriga e acolhe como um útero

fecundado, a energia circula em espiral apontando para o centro, o núcleo. O coração bate ritmando o fluxo sanguíneo, que nutre o corpo também de maneira circular. Unindo corporeidade, ritmo e circularidade.

A musicalidade na capoeira se manifesta no toque de seus instrumentos, podendo ser representados pelo uso de berimbaus, tambores (atabaques), pandeiros, agogôs, reco-recos, palmas e vozes. Cada um deles compreende especificidades complexas e potentes. São instrumentos artesanados por mãos calejadas, que incorporam elementos naturais em sua composição. Há em cada instrumento, em cada porongo, baqueta, couro e madeira uma continuidade da vida. Uma continuidade ressignificada, assim como as mãos de quem o forma, de quem os toca. A musicalidade na capoeira é responsável pelo ritmo do jogo, o berimbau Gunga inicia a roda, seguido pelos berimbaus médio e viola, que seguem sua marcação, mas mantém sua individualidade no timbre, variando do mais grave ao mais agudo. É o berimbau Gunga quem comanda a roda, essa atribuição fica a cargo da pessoa que está responsável pela roda naquele momento e, é oferecido às mestras e aos mestres como símbolo de respeito a sua história.

“O berimbau Gunga, o maior e mais grave entre os três que compõem a bateria da roda de capoeira, é o berimbau que orienta, organiza e dita o ritmo da roda. É o instrumento mais difícil de ser acessado pelas mulheres, nas rodas, e estrutura, mais que qualquer outro símbolo, o espaço de poder na roda e na comunidade”. (Janja ARAÚJO, pág. 279).

O tambor (atabaque) é um instrumento sagrado e está conectado à espiritualidade do povo africano. Os pandeiros, assim como agogôs e reco-recos estão presentes em outras manifestações de resistência afrobrasileira como nas rodas de samba e pagode. Musicalidade, corporeidade e oralidade se fundem na capoeira.

A corporeidade africana é o território de expressão cultural, ancestral e vital. Está presente na capoeira como um corpo que luta e resiste. Estes corpos carregam experiências de outrora, vividas de maneira intra uterinas, que transpassam o tempo e acontecem através e no corpo, dando continuidade a existência africana longe de seu continente. O corpo do capoeirista transborda as experiências vividas, sendo atravessado de marcas e cicatrizes. A ginga embala o corpo capoeira. É um misto de movimentos que vão e vêm, de frente para trás, de trás para frente, de pés descalços, de ponta cabeça. Foi na ginga que a luta se escondeu, a música embalou o corpo e a capoeira foi libertando seu povo.

“Trata-se, portanto, de um conceito nativo que não enuncia somente elementos que designam a cinética do corpo humano na vida cotidiana, mas também se refere à cinética no mundo vivo e à sabedoria estética de viver. Em outras palavras, a "Ginga" é um sentimento, uma percepção que capta o ritmo da vida. E porque tem sido uma palavra usada de forma muito frequente para expressar formas incorporadas de agir (seu vigor, força, vontade e sensualidade) na vida cotidiana dos afro-brasileiros e de outras pessoas de comunidades de baixa renda, "Ginga" adquiriu uma dimensão de marcador simbólico”. (TAVARES, pag. 47, 2020)

As mulheres são e sempre foram muito importantes para a capoeira, a exemplo da grande guerreira Nzinga Mbandi Ngola, conhecida também como "Rainha Ginga", rainha do povo Matamba, um importante nome para as lutas da resistência negra. Destaca-se, principalmente, por suas estratégias políticas, como o manejo do conhecimento necessário para lidar com as opressões e por suas negociações com o mercado escravocrata português. Não é à toa que o movimento fundamental da capoeira - a ginga - seja uma alusão à sua capacidade de articulação, de ir e vir, de manter um passo sempre a frente e outro atrás, de se defender do golpe e já se preparar para atacar. (Janja ARAÚJO, 2022.) (TAVARES, 2020).

A oralidade é a manutenção da memória dos antepassados, ela ecoa aos ouvidos e reforça a compreensão de humanidade. Os saberes orais são transmitidos de boca a ouvido, estabelecendo uma ligação entre quem fala e quem ouve. A fala é atravessada de significação, podemos perceber além do timbre, entonação, respiração, calor, saliva, um corpo vivo transmitindo saberes atravessados de vivências anteriores. As palavras ditas tornam-se sagradas em culturas afrocentradas, sendo utilizadas em rituais, músicas e principalmente como ferramenta de manutenção histórica e preservação de saberes originários africanos (Leda Maria MARTINS, 2022).

A ancestralidade não pode ser confundida com descendência (RIBEIRO, 2022) ela é infinitamente maior que isso. A ancestralidade é a compreensão de que não estamos partindo do zero, trazemos em nós um fragmento ancestral que possibilita assentarmos nossas experiências em referências anteriores, somos o fruto de um passado, assumindo assim, nosso compromisso com o futuro.

Segundo Katiuscia RIBEIRO, 2022 “Ancestralidade não pode ser definida apenas como uma árvore genealógica, está muito além disso, ela se firma na

coexistência e se torna uma forma respeitosa de honrar, lembrar e saudar os nossos antepassados”.

A colonização tentou esvaziar a ancestralidade africana, apagando a sua própria história, destituindo-os de suas crenças, seus valores, sua linguagem, seus nomes, suas vestes. O ocidente empenhou-se de maneira intensa em omitir a criação e produção de tecnologias negras africanas e tentou reduzir a história da África ao processo de escravização, porém a ancestralidade se manteve através da energia vital, AXÉ e de mecanismos de defesa que foram sendo criados. A manutenção da ancestralidade se deu pela capoeira, pelo samba, pelo quilombo, pela terra...

Ao contrário do que me foi ensinado e do que ainda hoje se ensina nas escolas, o Quilombo não foi uma tentativa de rebelião pura e simples contra o sistema escravocrata. Foi também uma forma de organização política e social com implicações ideológicas muito fortes na vida do negro no passado e que se projeta, após abolição no século XX. [...] Sobrevive, não na sua forma original, mas como uma tradição de vida do negro brasileiro. O fundamental é que essa é uma forma de vida do negro brasileiro em qualquer época (Beatriz NASCIMENTO, 2018, p. 98).

A reconexão com a ancestralidade, com a história Africana nos embasa a pensar o futuro ancestral, que honra os antepassados e compreende que a ancestralidade africana é anterior ao processo de escravização. A capoeira é alicerçada nestes valores ancestrais emancipatórios e, foi perseguida pelos colonizadores, como outras manifestações afrocentradas também foram.

A capoeira foi explicitamente considerada crime em 1890 pelo código penal brasileiro⁴ assim como outras manifestações culturais negras. Segundo o art. 402 deste código, ficavam proibidos: “Fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal.”

Foi somente em 1937 que Manoel dos Reis Machado – Mestre Bimba recebeu alvará de funcionamento da primeira academia de ensino de capoeira, denominada Centro de Cultura Física Regional, marcando então, a descriminalização da capoeira e dando a ela o enfoque de esporte.

⁴ O primeiro código penal do Brasil independente, elaborado em **1830**, época de D. Pedro I, fazia distinção entre os seres humanos escravizados negros e os cidadãos livres (brancos) na hora de ditar parte das punições, ainda que os crimes cometidos fossem os mesmos.

É importante destacar que nesta época Mestre Bimba cria a Luta Regional Baiana, agregando aspectos de outras lutas e alinhando sua prática aos modos de estar da época, dividindo a capoeira em dois segmentos distintos: Angola e Regional.

A capoeira Angola tem como fundamento um jogo mais mandingueiro⁵, equilibrado e cadenciado. Está em constante movimento de preservação e retorno cultural e ancestral.

A Capoeira Angola é um estilo de jogo de capoeira que busca resgatar e preservar valores “tradicionais” cujos princípios estão na origem da capoeira tal como praticada no Brasil pelos africanos e seus descendentes durante a escravidão, reivindicando uma ética e uma estética próprias intimamente ligadas a uma matriz de pensamento africana. A Capoeira Angola possui como maior referência a figura de Mestre Pastinha (Vicente Ferreira de Pastinha), falecido em 1981. POGLIA, 2012.

A capoeira Regional tem o ritmo mais acelerado e a ginga mais ereta, seus golpes são mais retos e as acrobacias também acontecem com menor frequência. Ao criar a Capoeira Regional, Mestre Bimba criou uma sequência de golpes específicos que não eram utilizados na capoeira Angola, porém muito semelhantes às outras lutas, houve também alterações nos toques dos berimbaus, uma busca por uniformizar, não só os trajes, como principalmente os movimentos. A hierarquia passou a ser representada por um sistema de graduação que utiliza cordas ou cordões/cordéis coloridos, amarrados na cintura. As primeiras cores faziam alusão à bandeira nacional brasileira (verde, amarela e azul). Atualmente existem inúmeros sistemas de graduações com as mais diversas cores e significações.

Os capoeiristas mais antigos, praticantes da capoeira Angola, desaprovam a nova segmentação, justificando que a capoeira Regional causaria o embranquecimento da capoeira, perdendo seus valores ancestrais. Isso fazia parte de uma estratégia política que tinha intenção de divulgar uma identidade nacional que fosse comercial e atraísse o turismo para o país. Este ponto é importante para compreendermos os rumos que a capoeira tomou. Cada uma delas (capoeira Angola ou regional) atuou em uma frente distinta e foram mecanismos de resistência e estratégias diferentes de disputas e tensionamentos sociais. Entretanto, com a expansão do modelo de capoeira regional e, mais tarde, a capoeira contemporânea houveram um distanciamento das origens filosóficas afrocentradas da capoeira.

⁵ Ligado a feitiçaria, magia, como se referem as religiões de matriz africana.

“Visivelmente os grupos de capoeira, quando compostos por mulheres, são de maioria branca. Poderíamos, inclusive, ampliar o debate de raça para entender onde estão as mulheres negras quando nos deparamos com uma centena de volumes, livros e publicações sobre capoeira escritas por homens, majoritariamente brancos. (Janja ARAÚJO pag 150, 2022).

Assim como acontecem em outras manifestações da cultura negra no Brasil, atualmente, há uma maioria majoritária de pessoas brancas e do sexo masculino. Isso é observado em rodas de capoeira, terreiras, rodas de samba, entre outros. A convivência inter-racial na capoeira é positiva e deve ser incentivada. Contudo, a questão não é sobre a presença de pessoas brancas, mas sim a ausência das pessoas negras. Afinal, em que medida a capoeira é reconhecida como uma manifestação da cultura e resistência negra afro-brasileira se não atualiza no presente as suas raízes ancestrais?

Em 2014 a Capoeira foi considerada pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, dando a ela maior visibilidade. Desta maneira, a Capoeira não pode ser classificada como esporte, luta ou dança. Ela compreende todas estas competências e muito mais, agregando valores civilizatórios africanos e afro-brasileiros, abrangendo aspectos da cosmopercepção africana como oralidade, musicalidade, ancestralidade, corporeidade e circularidade.

Atualmente a Capoeira está difundida em vários países, mais especificamente em 160 países, segundo o IPHAN, principalmente nas Américas e Europa. A capoeira possui praticantes de diferentes idades, gêneros, ideologias e posições sociais, todas afirmando suas qualidades. Tais fatores propiciaram estudos cada vez mais avançados acerca dos benefícios que sua prática traz.

“Capoeira é mandinga, é manha, é malícia. É tudo que a boca come!”⁶

Capoeira é Invenção!

Ela é o próprio devir, antes mesmo que ele pudesse ser nomeado.

Capoeira Angola e Regional se diferenciam em muitos aspectos, mas também há confluências importantes entre elas. Ao longo da minha trajetória como praticante

⁶ É uma frase emblemática que foi atribuída a uma fala de Mestre Pastinha. Ela é preconizada nos discursos de muitos capoeiristas angoleiros e também utilizada por Mestra Janja ARAÚJO, 2022 pg. 254. No livro Mulheres que Gingam.

de capoeira, fiquei maravilhada com muitas descobertas. O som dos tambores e do berimbau são marcantes e envolventes. Ouvei certa vez: “não há nada que uma roda de capoeira não possa curar!” e de fato, o envolvimento, a musicalidade e a conexão que acontecem ali transcendem a corporeidade do fato vivido, são reconexões espiraladas e ancestrais. Devo tanto a capoeira que me valho das aprendizagens que tive para conduzir meu trabalho na escola, minhas relações com as pessoas que me cercam, minha conexão com meu corpo e com o sagrado.

Vivi a capoeira com intensidade, treinei por anos três vezes por semana e passava os finais de semana em eventos de capoeira. Fui me graduando na capoeira e comecei a dar aulas, esta foi a minha principal atividade por anos. A capoeira além de me trazer bem estar físico e mental, me trouxe amigos e também minha fonte de renda.

Estava indo tudo muito bem, me sentia realizada com minhas conquistas, conseguia conciliar os treinos com minhas aulas e estudos. Ganhei alguns campeonatos, inclusive um estadual em 2007. Fui aceita no ProUni (Programa Universidade para Todos) no curso de Pedagogia e tinha conseguido comprar uma moto, que me permitiria um deslocamento melhor, podendo agregar outras escolas em que eu pudesse trabalhar. Este movimento durou uns cinco anos, aproximadamente.

Acontece que em 2012 eu engravidei do meu primeiro filho e, algumas questões se aproximaram do meu entendimento. Eu já havia participado de eventos femininos na capoeira, que reivindicavam direitos iguais entre homens e mulheres, mas não tinha compreendido de fato a dimensão do problema e, desde então, algumas perguntas me soam aos ouvidos.

A quem se destina a capoeira? Quais corpos são aceitos na roda de capoeira?

Seria possível compreender o contexto de tudo isso sem ter tido a experiência atravessada pelo meu corpo?

Altereí, então, minhas perspectivas. Por vezes, vi minha condição de “mãe” ser usada como pretexto para que eu não participasse de reuniões de tomada de decisões, vi minha frequência diminuir nos treinos e meu rendimento também.

Como ser uma boa mãe? Como manter uma performance de treino? Como ser uma boa profissional e manter o sustento da casa? Qual modelo seguir?

Ser mãe é estar em constante questionamento, há interferências de muitos e julgamentos frequentes. Hoje, penso quais influências permearam a maneira com que a maternidade foi recebida naquele espaço/território em que eu estava? Via mulheres que levavam seus filhos para cima e para baixo, não faltavam em nenhum treino nem evento, fossem dias frios ou chuvosos, aquelas crianças sempre estavam ali. Outras, participavam de todos os eventos, fosse noite, dia, sábado, domingo ou feriado, mas sua família não estava ali... a quem fora destinado o cuidado com seus filhos?

Presenciei muitas discussões em eventos femininos, onde a posição da mulher estava em disputa com o homem. Seria esse um produto do colonialismo?

Quem se beneficia com as inseguranças de uma mãe?



Eu e meu primeiro filho, jogando capoeira em um evento de capoeira em 2015.
(acervo pessoal)

Marcas do Colonialismo

Tentaram nos enterrar, mas não sabiam que éramos sementes

Ao longo da minha trajetória vivi situações difíceis de serem faladas abertamente. Trago enraizadas em mim, além das minhas experiências, outras que foram experienciadas desde o meu não nascimento, quando o útero de minha mãe, passava por suas vivências, estas que foram atravessados pelas experiências de minha avó e assim regressivamente. Todas elas ajudaram a moldar quem sou hoje. Essas experiências dizem muito sobre o que tenho me proposto a estudar. Arrisco a dizer que foram necessárias para que minha escrita faça sentido, mas que não sejam mais toleradas e aceitas, para que não comprometamos outras vidas. Que possamos analisar a sociedade que vivemos a partir de outros lugares.

Nasci mulher, vinda de uma família composta por muitas mulheres, mas as mulheres que vieram antes de mim, sofreram muitos preconceitos, assédios e abusos sexuais. Isso fez com que eu desde cedo aprendesse a me esconder e negar tudo que me remetesse ao sexo feminino, pois ser uma menina-mulher, era estar exposta e arriscar minha integridade. Quando a professora doutora Djamilia Ribeiro (2017) menciona a expressão “Lugar de fala” está se referindo ao tamanho da experiência vivida e sobretudo ao eco que ela produz ao longo da vida de cada um. Valorizando vivências que são invisibilizadas socialmente.

Falo de um lugar onde mulheres eram agredidas fisicamente, espancadas por seus homens, obrigadas a manterem relações sexuais com seus parceiros e onde desde pequenas tinham que proteger umas as outras dos estupros que aconteciam. E isso não acontecia só com as mulheres. Falo sobre o medo de dormir a noite, sobre vigiar uma troca de roupas, sobre trancar a porta do banheiro e não tirar a calcinha nem na hora do banho! Falo sobre colocar papel higiênico na fechadura para não ser espiada, jamais usar vestidos ou saias, vestir camisetas largas e de preferência masculinas, decotes também eram proibidos e a lembrança que tenho é que isso era tão comum, que em nenhum momento fui questionada ou estimulada a me comportar de uma maneira diferente. Falar não

era uma solução, pelo contrário, era assumir a culpa do ato, a responsabilização de tudo era sempre da criança, da menina-mulher.

Presenciei inúmeros espancamentos com técnicas de tortura, para que as crianças fossem ensinadas/caladas/silenciadas. Quando no início da adolescência, fui tomada por uma raiva muito grande e, tentei denunciar tudo que estava acontecendo... Liguei para o 190, número da Polícia Militar e contei sobre os espancamentos e os abusos que presenciava, mas nada foi feito. Será que acharam que fosse mentira? Hoje quando conto tudo que passei na infância, até eu, penso ser impossível de acreditar, mas segui ligando... quando aconteciam pequenos furtos para uso de drogas, espancamentos, maus tratos e em algumas destas vezes até enviavam uma viatura para verificar a ocorrência, mas o problema persistia. Lembro que certa vez uma policial feminina que foi até a minha casa me chamou num cantinho e me orientou a parar de ligar porque aquele problema não iria se resolver assim tão facilmente. O ocidente tem um jeito diferente de compreender a infância, a mulher e a quem a sociedade deve proteger.

Vi o que minha mãe passou por não ter estabilidade financeira e emocional. A linha que permeia sua inocência e sua culpa é muito tênue. Houve um tempo que meu pai estava gastando demais com jogos e outras mulheres na rua e mal tínhamos dinheiro para nos alimentar. Minha mãe precisou voltar a trabalhar fora para custear nossas despesas. Porém, isso era contrário ao que tinha sido condicionado anteriormente. Ela seria “dona de casa”, ficaria responsável pelos cuidados dos filhos e pela limpeza da casa, mas para que seu retorno ao trabalho fosse possível, não bastava somente conseguir um emprego. Ela fazia faxina e tinha portas abertas com seus antigos patrões, o problema era convencer e provar que estava somente indo trabalhar, que seus interesses eram apenas de alimentar e vestir seus filhos e, para que isso acontecesse, ela deveria garantir que toda a casa estivesse limpa, que a alimentação seria preparada com antecedência e, que nenhum de nós iríamos atrapalhar o descanso de meu pai.

Por mais que possamos compreender o “trabalhar fora” como uma conquista social, há muitas violências que permeiam esse acontecimento. A responsabilização pelos filhos e trabalhos domésticos ainda recaem sobre as mulheres, deixando-as sobrecarregadas e estigmatizadas como guerreiras e capazes de suportar tudo.

Das lembranças que tenho, minha mãe já não estava mais interagindo conosco no dia a dia, ela trabalhava muito e chegava quando já estávamos dormindo. Éramos três irmãos entre 5 e 16 anos primeiramente, algum tempo depois, minha prima de 8 anos também passou a morar conosco.

“Entregues a todos e a ninguém, entre as atividades escolhidas para passar o tempo, a imitação ocupava lugar de destaque. O olhar coletivo para eles não impunha responsabilidades isoladas. A atenção àqueles com poucos anos de vida se espalhava entre os diversos gestos cotidianos. Cuidados e olhares, assim como as demais atividades divididas entre todos [...]”. (PACHECO, 2011, p.33).

Enfim, este é um recorte do que muitas famílias vivem no Brasil. Pude confirmar desde cedo que este é um país machista onde os homens podem estuprar e espancar mulheres e crianças. Um crime perfeito, onde a vítima é culpabilizada e carrega cicatrizes emocionais tão profundas que as fazem normalizar o acontecido.

Então, uma dúvida me sopra aos ouvidos, como esta mulher é recebida em um movimento de resistência histórico-cultural tão potente quanto a capoeira? Quais espaços foram permeados anteriormente? O que as mulheres que vieram antes de mim enfrentaram?

Brasil e África foram colonizados por uma Europa cruel, desumana e indefensável. A presença da mulher na capoeira é atravessada pelo pensamento machista ocidental. O ponto de tensionamento aqui é como a mulher foi performada nestas narrativas.

As primeiras capoeiristas que foram retratadas receberam o estereótipo de mulher-macho, louca, barraqueira, etc. A sua aparição é historicamente marcada na capoeira quando a sua masculinidade impera, evidenciada nos apelidos masculinizados, Adelaide Presepeira, Angélica Endiabrada, Maria 12 Homens, Maria Pé de Macho (Janja ARAÚJO, 2022). Esses apelidos masculinizados já nos dão uma primeira pista sobre determinados dispositivos de gênero. Primeiramente temos que considerar que aquelas mulheres estavam praticando em um espaço público, um espaço pouco autorizado às mulheres de "bem" (belas, recatadas e do lar, o ideal de mulher na cultura patriarcal).

O patriarcado "é um sistema político modelador da cultura e dominação masculina" (Carla AKOTIRENE, 2018, p. 112). Importante dizer que a noção de um patriarcado universal tem sido criticada. Os homens brancos cis gênero são os maiores beneficiados nesse sistema, em seus privilégios que autorizam o controle, a

dominação, a opressão e o sexismo, que naturaliza, inclusive, a violência contra as mulheres.

Reforçando assim, que não havia o desejo de exaltarem suas lutas e reconhecerem suas trajetórias como exemplares a outras mulheres. O fato é que essas mulheres circulavam no espaço público utilizando-se de códigos já dominados pelos seus camaradas: a capoeiragem.

Muito provavelmente essas mulheres eram valentes, tão valentes como uma mulher. Entretanto, o que as matérias de jornais e documentos mostram nas entrelinhas é que aquelas mulheres eram valentes como os homens, uma tomada absolutamente sexista pautada no binarismo da “fragilidade da mulher” em oposição à “força do homem”. Esses binarismos muitas vezes são internalizados no convívio social da capoeira, como se a mulher não pudesse ser forte ou corajosa. Nessa perspectiva, a mulher deve ser apenas a mais “fraca”, em comparação ao sujeito masculino. (Larissa FERREIRA, 2022 p.141).

Demorou muito tempo para termos acesso às narrativas de triunfo, lutas e resistência de mulheres na história brasileira, marcando assim um atravessamento colonial na capoeira que precisa de atenção urgente, porque em África antes da invasão colonial a posição social da mulher não era de submissão e apagamento.

Como seria a capoeira se as mulheres fossem referenciadas tal qual uma òyá?

Cada dia a mesma coisa me ensina outra

“Parto de uma lógica de ser quem se é e ser quem se é naquele momento. A lógica da incompletude move a nossa vida na perspectiva de que somos formados à medida que temos novas experiências e elas continuarão acontecendo.”⁷

Ao lembrar que descendência não é ancestralidade, cabe mencionar que ao apresentar a minha descendência tento compartilhar o quanto dela é tocada, pela ancestralidade.

Escolho pensar o feminino através das minhas experiências, levando em conta tudo que vivi, tudo que senti, tudo que me foi atravessado até mesmo antes de eu ter nascido. Carrego em mim experiências ancestrais, vivências de outras épocas, carregadas de histórias que me constituíram e refletem um pouco da minha trajetória. Sou grata às mulheres que me constituíram, uma diferente da outra, com maneiras distintas de pensar e agir no mundo.



Eu, amamentando a minha segunda filha e, assistindo uma aula síncrona do curso de Mestrado em 2021, durante a pandemia do COVID 19..
(acervo pessoal)

Me espelhei muito na minha mãe, mulher forte, guerreira, que abriu mão de todos os seus sonhos, para dedicar-se ao cuidado dos filhos. Envolveu-se em casamentos sem amor e, seu troféu eram as conquistas e experiências vividas por seus filhos. Assim como ela, há tantas outras... Tomar para si o cuidado da casa e dos filhos parece ser algo comum para as mulheres, afinal, somos ensinadas desde

⁷ Luan Sodré Souza. Educação musical afrodiáspórica: uma proposta decolonial a partir dos sambas do Recôncavo Baiano. 2020, p.13

a infância a naturalizar e romantizar a maternidade. Abrir mão de seus sonhos para dedicar-se a marido e filhos faz parte deste pensamento e o quanto mais afastada de si, melhor ela representa este estereótipo.

Carrego lembranças muito afetivas de minha tia, mãe de 6 filhos, dona de casa, julgada por ter tido tantas gestações. A sociedade se apropria do ventre feminino e determina, além da maternidade compulsória, a quantidade de filhos que se pode parir e, ao longo dos anos, esse número foi sendo reduzido, para que se pudesse dar conta de atender as demandas de saneamento básico, saúde e educação que o governo deveria suprir.

Porém, ela rebateu o sistema tornando-se dona do seu ventre. Além de parir 6 filhos, ela os criou cheia de cuidados, carinho e atenção. Filha de Oxum, orixá do amor, mãe das águas doces, que esbanja cuidados e zela por todos. O mesmo amor se expandiu a seus sobrinhos e hoje por seus netos.

Minha mãe teve, ainda, uma irmã muito querida que não tenho lembranças porque nos deixou muito cedo. Esta é citada no lugar de sagrado, religiosa, filha de Yemanjá, mãe de 5 mulheres, dedicada a casa, marido, filhas, tudo conforme a sociedade exige. Invisibilizada, exceto quando estava na terreira... Lá ela era livre e exercia sua liderança, era seu espaço de poder.

Por fim, a referência mais intrigante, minha avó materna, a Louca! Certamente minha escrita seria outra se tivesse tido mais tempo com ela. Sempre considerei minha avó a frente de seu tempo e, me orgulhava de ser sua neta. Porém, hoje, percebo que não se trata apenas de descendência, me refiro a saberes ancestrais, dotados de muita inteligência, perspicácia e segredo. Como refere Leda Maria Martins (2022), “A ancestralidade é clivada por um **tempo** curvo, recorrente, anelado; um **tempo espiralar**, que retorna, restabelece e também transforma, e que em tudo incide” (grifos, meus).

Minha avó sabia de coisas que eu demorei muito tempo para entender, precisei de muitos livros, muitos debates, muitas outras mulheres para constituir críticas e tecer limites. A única mulher entre 8 irmãos, vinda de uma família de músicos e importantes artistas no interior do Rio Grande do Sul, perdeu sua mãe cedo e fugiu de casa no final da adolescência porque não queria casar-se com alguém que não fosse de sua escolha. Longe de todos, trabalhou duro para sustentar seus filhos. Orgulhava-se em dizer que não precisava de homem nenhum mandando nela. Era festeira, namoradeira, tinha língua afiada e não levava desaforo

pra casa, filha de lansã, minha ventania, meu furacão! Uma brisa que passava e eternizava momentos que só seriam interpretados muitos anos depois.

Minha avó sabia de coisas que não eram faladas na sua época, lutou por sua liberdade, dona da sua sexualidade, rejeitou padrões sociais, respeitou os modos de agir e as escolhas de suas filhas. Ancestralidade cósmica, percepções que parecem ter sido atravessadas no futuro, repercutidas no passado e talvez esse movimento tenha sido feito mais de uma vez, sua acertividade me induz a acreditar que o tempo é de fato espiralar, que vivemos vivências de outrora, marcadas além das experiências do agora. Minha avó não fez militância, ela viveu como se essas lutas já tivessem sido travadas. Leda Maria Martins (2022 p.42), “Um tempo que não elide a cronologia, mas que a subverte. Um tempo curvo, reversível, transverso, longo e simultaneamente inaugural, uma sophya e uma cronosofia em espirais.”

Estas mulheres performam aspectos importantes sobre o feminino, seus modos de pensar e agir com e no mundo trazem reflexões sobre os comportamentos sociais que o ocidente organizou para elas, mesmo sem que pudessem se dar conta disso. Mesmo que não tivessem acesso a discussões sobre o tema.

Em meio a tantos exemplos, fui me descobrindo, percebendo como tudo isso se manifestava em mim, mas algo não tinha ficado muito bem entendido. Acontece que quando chego na terreira, sou reverenciada como “sinhô”. Meu pai Ogum me guia, sou filha deste guerreiro, mas não sou homem. Sigo em conexão com minha masculinidade, encontro explicações para a maneira com que lido com as coisas a partir deste orixá. É intrigante como algumas coisas nos acompanham por tanto tempo até que possam fazer sentido.

.....

No período anterior ao tráfico de seres humanos escravizados, a língua lorubá não possuía palavras específicas de gênero, não tendo nenhuma referência a palavras como filho, filha, irmão ou irmã. Os nomes lorubás também não eram específicos para cada sexo, como nos afirma Oyèrónke Oyèwùmí (2021). Partindo-se da lógica ancestral africana, somos compostos de feminino e masculino numa relação de complementaridade. Sem que haja hierarquia entre gêneros.

Em geral, as religiões de matriz africana preservam este entendimento e trabalham a espiritualidade complementar entre ori (cabeça) e ara (corpo). Este é

um entendimento complexo e nem tão fácil de ser explicado, tenho receio em tratá-lo de maneira simples e incorrer na diminuição de sua grandeza.

“Orí é, assim, uma divindade pessoal. Uma narrativa de Ifá nos diz que a divindade mais fiel e, portanto, a mais importante para o bem-estar de qualquer indivíduo é seu Orí. Daí a injunção de que a propiciação de seu Orí deve preceder qualquer súplica a outras divindades, pois não há nada que elas possam fazer por um indivíduo sem o consentimento de Orí” (OyèrónkẹOyèwùmí – Matripotência p.4, 2016)

Ori é o Orixá pessoal, que guia e acompanha cada um desde antes do seu nascimento e após sua morte. Nos ritos espirituais, ele é o primeiro a ser louvado, em outras palavras, é o orixá responsável pela cabeça, quem comanda as ações e especificidades de cada ser e está ligado à ancestralidade da pessoa. Porém como há necessidade de complementação, para que haja equilíbrio, se o Ori é um Orixá masculino, Ara será representado por um Orixá feminino e vice e versa, preservando assim, o equilíbrio cósmico que há em cada ser que habita no mundo. Oyèrónkẹ (2016) ainda reforça a importância de Orí como mediador entre o indivíduo e outros orixás (divindades), porque sem a devida sanção de Orí, nenhum pedido para outros orixás será considerado.

A espiritualidade ancestral africana foi demonizada pelos colonizadores. O ocidente hierarquiza as relações de gênero colocando a mulher em lugar de inferioridade. As relações sociais e afetivas que vivemos hoje no Brasil são atravessadas por mais de 500 anos de hegemonia patriarcal. As consequências disso são sentidas na pele de todos nós. Um dos desafios que enfrento hoje é alfabetizar crianças que possam desde agora compreender este desequilíbrio que se instaurou e aos poucos irmos reorganizando nossas relações, tomando como referência os modos de pensar e viver afrocentrados.

Este convite vai para além das violências contra nós mulheres e nossos corpos. Proponho repensar o feminino ocidental, a partir da filosofia ancestral africana. Chimamanda Ngozi Adichie (2017), em seu livro Para educar crianças feministas propõe que a igualdade de gênero possa trazer equilíbrio social para as mulheres, sobretudo na determinação de seus modos de pensar e agir com e no mundo e, que isto, não seja determinado por estereótipos.



Neste momento, o berimbau Gunga anuncia uma chamada...

DOM, DOM, DOM

O toque se acelera...

Todos se entreolham.

A pulsação fica mais rápida, as palmas também.

Os corações palpitam. A tensão toma conta.

O golpe se alinha. Não há floreio, o jogo esquenta...

Não consigo disfarçar, meu corpo se envolve, São Bento me chama!

“Iaiá, oh iaiá acende o candieiro iaiá”

E não sou uma mulher? Sojourner Truth



Foto: Sojourner Truth (autor original) Biblioteca do Congresso (digitalização), [Domínio público], via Wikimedia Commons

“Muito bem crianças, onde há muita algazarra alguma coisa está fora da ordem. Eu acho que com essa mistura de negros (negroes) do Sul e mulheres do Norte, todo mundo falando sobre direitos, o homem branco vai entrar na linha rapidinho.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, “intelecto”). É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida?

Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso.

Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de conserta-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem.

Agradecida a vocês por me escutarem, e agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer”.⁸

Trago este discurso para refletirmos sobre o feminismo que nos foi apresentado como sendo universal e, pensarmos através do termo Mulherismo Africana⁹, um novo olhar, centrado nas mulheres negras africanas e da diáspora, para entender, refletir e agir na luta antirracista e de sobrevivência do povo preto, sendo este pesquisado e difundido no Brasil pelas filólogas e doutoras Katiuscia Ribeiro e Aza Njeri.

Em uma entrevista a professora Aza Njeri diz que qualquer termo que tenha necessidade de se incluir o sufixo “negro”, não consegue “dar conta” das especificidades de modos de vida africanos (em diáspora ou não). Da mesma forma

⁸ Esse discurso foi proferido como uma intervenção na Women’s Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851. Em uma reunião de clérigos onde se discutiam os direitos da mulher, Sojourner levantou-se para falar após ouvir de pastores presentes que mulheres não deveriam ter os mesmos direitos que os homens, porque seriam frágeis, intelectualmente débeis, porque Jesus foi um homem e não uma mulher e porque, por fim, a primeira mulher fora uma pecadora. Traduzido e disponibilizado no site do Núcleo de Pesquisas Geledés. Acessado em junho de 2022.

⁹ Termo cunhado originalmente pela americana Clenora Hudson-Weems (2016);

que termos afrocentrados não necessitam ser especificados a exemplo da capoeira, samba, candomblé. Sendo assim, pelas autoras o termo “feminismo negro” seria insuficiente para representar o que está sendo proposto. Em sua tese de doutorado a professora Sueli Carneiro (2005) cunhou o termo epistemicídio, usado como ferramenta de esvaziamento das culturas negras e, nos coloca a pensar sobre a necessidade de que elementos culturais afrocentrados sejam auto-nomeados.

Quando ingressei no curso de mestrado, me propus a pesquisar sobre capoeira e educação, porque são assuntos que me identifico e me envolvem fortemente. Ao longo do percurso, fui atravessada por outras problematizações, mas uma delas me tocou tanto, que me inspirou a pesquisar mais. Por mais densa e complexa que seja para a sociedade misógina em que vivemos compreender, tomo o Mulherismo Africana e a Matripotência como essenciais para produzirmos diferença e construirmos uma sociedade mais igualitária com equidade e livre de preconceitos.

Oyèrónkẹ (2016), afirma que o funcionamento harmonioso de qualquer comunidade iorubá repousa sobre o axé de Ìyá que foi dado a elas por Olodumare. Consequentemente, entende-se que nada pode ser alcançado sem o seu consentimento e participação; daí a admiração e a reverência mantidas em relação a Ìyá. E acrescenta:

“Ìyá está no centro do sistema baseado na senioridade, que simboliza o que descrevo como princípio matripotente. A Matripotência descreve os poderes, espiritual e material, derivados do papel procriador de Ìyá. A eficácia de Ìyá é mais pronunciada quando considerada sua relação com a prole nascida. O ethos matripotente expressa o sistema de senioridade em que Ìyá é sênior venerada em relação a suas crias. Como todos os humanos têm uma Ìyá, todos nascemos de uma Ìyá, ninguém é maior, mais antigo ou mais velho que Ìyá. Quem procria é a fundadora da sociedade humana, como indicado em Oseetura, o mito fundador iorubá. A unidade social mais fundamental no mundo iorubá é o par Ìyá e prole. Como apenas as anafêmeas procriam, a construção original de Ìyá não é genericada, porque seu raciocínio e significado derivam do papel de Ìyá como cocriadora – com Èlédàá (Quem Cria) – dos seres humanos... Ìyá também é uma categoria singular, sem comparação com qualquer outra. Além disso, tanto anamacho quanto anafêmea escolhem espiritualmente suas Ìyá da mesma maneira, e as Ìyá estão conectadas com toda a sua prole nascida, de maneira similar, sem qualquer distinção feita pelo tipo de genitália que ela possa ter. “(OYÈWÚMÍ, Oyèrónkẹ. 2016. p.3)

Este pensamento nos conduz a repensarmos a sociedade em que vivemos e principalmente na escolha de um lugar, terreno, terreiro para travarmos esta batalha

decolonial e descolonizante. A escola é um espaço de formação social liderado majoritariamente por mulheres, e é deste lugar que eu escolho partir, voltar e seguir.

“Somente uma mão sã pode carregar
veneno¹⁰”

*E no jogo de malícia, o capoeira mandinga,
Cria na ginga suas manhas.
A malandragem está em permear espaços.
Corpografar performances de envolvimento.
Segredos guardados e eternizados.
De boca a ouvido.
Resistindo no corpo de cada um,
transmitidos com saliva, hálito e pulsação.*

A escola contribui para a manutenção do pensamento colonial e reforça estereótipos de gêneros e de modos de pensar e agir na sociedade. Suas intenções estão embasadas em documentos legais que narram o pensamento e os tensionamentos ao longo da história. Cada alteração, legal ou social, vem acompanhada de inúmeras batalhas sociais e lutas de resistência negra. Foi somente em 1988 (100 anos após a abolição) que a Constituição Brasileira trouxe em seu art. 206 a autorização para que pessoas negras ingressassem no ensino público e gratuito, sem restrições.

A prática pedagógica em sala de aula é exercida por muitas professoras como manutenção do sistema colonial, banhada pela hierarquia e dicotomia entre professoras e alunas/alunos. Há um sistema de controle organizado por setores que se ramificam. Monitoras, coordenadoras pedagógicas, orientadoras, supervisoras, equipe diretiva e muito mais. Todas muito competentes e sempre atarefadas, porque uma das técnicas para manutenção deste sistema é manter seus profissionais sempre em busca de algo que lhes falta e com uma agenda lotada de compromissos. Há uma série de dados estatísticos a serem alimentados, avaliações e documentos que devem ser rigorosamente preenchidos. Entretanto, quem se beneficia com isso tudo?

O trabalho da professora segue solitário, até mesmo suas interações sociais na escola são limitadas a 10 ou 15 minutos de intervalo, momentos de formação continuada e reuniões pedagógicas, cada professora segue seu trabalho, “ilhada em

¹⁰ Yala, Yashodlan Abya (2021 p.34), “Da raiz do embueiro as sementes de Baobá”, artigo etnográfico realizado na comunidade quilombola ComPaz, em Triunfo Rio Grande do Sul

seu reino”, como referencia bell hooks (2017) desconectadas das possibilidades além deste sistema. As paredes da sala de aula isolam não só os corpos, há um isolamento térmico, frio, há isolamento acústico, de silenciamento, corpos amorfos, sentados, há isolamento físico, mental e espiritual.

Contudo, a escola também é um lugar político e de tensionamentos. Ao longo dos anos esse sistema foi sendo permeado por perspectivas pós-coloniais que buscam maneiras de romper com essa estrutura e humanizar o processo de escolarização a que somos submetidos.

“Paulo Freire, com sua perspectiva ontológica, apresenta os humanos como seres: incompletos, pelo fato de cada pessoa viver em comunhão com outros e, portanto, não pode viver isolado das demais pessoas; inconclusos, porque cada pessoa se percebe em permanente processo evolutivo na medida em que se reconhece inserido em meio ecodesorganizativo/organizativo; e inacabados na medida em que se reconhecem como imperfeitos.(KEIM e SILVA, 2012. p.79)

A violência do colonialismo através da escola foi narrada no documentário, *Escolarizando o mundo*, dirigido por Carol Black (2010). Na película, o Governo dos Estados Unidos incentiva que voluntários abram escolas em locais isolados, a exemplo de uma área de território de população indígena (século XIX) e, até os dias atuais, com a certeza de que proporcionarão uma “vida melhor” para as crianças nativas. No Brasil e em outros lugares do mundo, culturas nativas foram invadidas com este pretexto.

Culturas afrocentradas, tomam a infância como sagrada e protegem o nascimento, o início. Os Erês chegam no terreiro para referenciar a importância do brincar, da alegria e da inocência. A cultura negra vem desse lugar, onde crianças são preciosas, onde seu povo é sua riqueza, onde as famílias são numerosas e, a proximidade e o afeto são essenciais para um desenvolvimento sadio.

Diferentemente do ocidente onde a relação com suas crianças era distante e fria, priorizavam o acúmulo de bens materiais e o preparo para o futuro, demonstrando seu descaso com as infâncias e supervalorização da vida adulta.

A Europa inicia o processo de escolarização nas Américas, embasada pelo pensamento que se tinha sobre infância na Idade Média. As relações que o ocidente propõe, seguem um modelo patriarcal e clerical, onde as crianças são vistas como adultos em miniaturas. Esse pensamento foi amplamente difundido e se

enraizou em modelos pedagógicos amplamente difundidos, que exercem o silenciamento e a inércia das crianças.

Jean Jacques Rousseau “percebeu” que as necessidades das crianças eram diferentes das de um adulto, por volta de três séculos após as diásporas africanas. Ele defendeu uma maneira revolucionária e inovadora (contém ironia), de que crianças deveriam ser valorizadas.

Quais seriam as interações que Rousseau observou para concluir isso? Ele viveu no mesmo período histórico em que pode presenciar as distintas relações de envolvimento afetivo e comunitário que as pessoas escravizadas manifestaram com seus menores e fundamentou seus estudos. Contudo, ainda é possível observar que a infância continua sendo tratada por muitos de maneira pejorativa. Ser chamado de “infantil” é uma injúria, enquanto que o termo “maduro” é usado como elogio. Talvez a observação dos modos de ser e estar afro diaspóricos não tenham sido suficientes para que o ocidente pudesse de fato ressignificar o trato com suas crianças.

A docência brasileira é majoritariamente feminina, dados do último Censo Escolar 2021, seguem afirmando isso, foram contabilizados 88.1% docentes do sexo feminino no ensino fundamental e 96.4% na educação infantil. Nos últimos anos, não houve classificação de raça na educação básica, mas o censo de 2021 coloca que no ensino superior, apenas 16% dos professores são negros, evidenciando um quadro docente de maioria feminina e branca, estruturado desde a fundação das primeiras escolas no Brasil.

Mulheres carregam em seu ventre a continuação da vida, alimentam e nutrem sua espécie, zelam e ensinam seu povo, entretanto, as lutas entre mulheres brancas e negras não são as mesmas. Historicamente, as mulheres brancas foram silenciadas pelo machismo, o qual as considerava frágeis, sem direito a voto, a opinião própria e não podiam trabalhar fora de casa, assim como evidencia Sojourner Truth em seu discurso, mulheres negras não eram vistas da mesma forma. No início do processo de colonização no Brasil, mulheres negras que foram escravizadas eram obrigadas a limpar as casas de seus senhores, lavar as roupas, preparar a comida e cuidar das crianças. Todos os afazeres domésticos ficavam sobre suas responsabilidades, mesmo que houvesse outras mulheres na casa. O produto disso é a quantidade de empregadas domésticas e profissionais de higienização que seguem sendo mulheres negras, em sua maioria, recebendo salários menores e não tendo a garantia de seus direitos trabalhistas, sendo

distanciada de sua família e em muitas vezes, mãe-solo. Contudo, precisamos perceber que este não é o lugar de destino destas mulheres, que isso é fruto de um sistema colonizador que deseja perpetuar seus privilégios com atos de crueldade cada vez mais perversos.

Os distanciamentos entre África e Europa vão muito além da sua geografia. Acontece que a relação entre a cultura africana e o preparo do alimento, por exemplo, é diferente das relações estabelecidas no ocidente. Para as culturas afrocentradas, o alimento, além de nutrir, também cura, as relações com as plantas e as ervas é sagrada. O preparo dos alimentos é feito com responsabilidade, com zelo e com respeito. O alimento oferecido à mesa está carregado de energia, de intenção, temperado com axé. Assim como nas outras atividades como limpar a casa, fluir a energia impregnada no ambiente, amamentar, cuidar de suas crianças e gestar a potência de seu povo. Existe muita diferença na execução das mesmas tarefas, quando há intencionalidades distintas em cada uma delas. Se esvaziarmos as ações de sentidos, teremos gestos mecânicos, estereotipados, sem energia, sem axé! É o amor e o afeto em cada gesto que modificam o sentido das ações.

Acontece que a educação no Brasil é exercida há séculos, por uma maioria de pessoas do sexo feminino e de cor branca e sua matriz cultural expressa a maneira com que exercem sua docência. Não se trata de generalizações, visto que o material humano está sempre em transformação e é afetado por seus encontros, porém esta análise histórica atende, a maior parte das relações de docência exercidas em sala de aula.

bell hooks ao longo de suas obras, defende uma educação amorosa, afetiva e respeitosa. Como diz:

O amor cura. Nossa recuperação está no ato e na arte de amar. [...] O sistema escravocrata e as divisões raciais criaram condições muito difíceis para que os negros nutrissem seu crescimento espiritual. Falo de condições difíceis, não impossíveis. Mas precisamos reconhecer que a opressão e a exploração distorcem e impedem nossa capacidade de amar. Numa sociedade onde prevalece a supremacia dos brancos, a vida dos negros é permeada por questões políticas que explicam a interiorização do racismo e de um sentimento de inferioridade. Esses sistemas de dominação são mais eficazes quando alteram nossa habilidade de querer e amar. Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, 'feridos até o coração', e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor (bell hooks, 2006, p. 1).

A escravização deixou marcas irreparáveis, o movimento negro resistiu com muita sabedoria e, vejo na escola um solo fértil para darmos continuidade a todo processo de decolonialização e descolonialização que estamos propondo. Entretanto, precisamos organizar a condução deste processo.

“Somente uma mão sã pode carregar veneno”, evoco o título deste capítulo para compreendermos que o veneno colonial foi conduzido durante séculos por mãos que pouco entendiam o que estava sendo proposto (colonialismo) e, que em nome de seus privilégios, causaram o genocídio e o epistemicídio de pessoas negras. Uma docência exercida sem o conhecimento do poder sagrado da infância e por professoras e professores que desconhecem a matripotência de Ìyá.

Reestruturar a sociedade brasileira para exercer uma educação para as relações étnico-raciais, antirracista, decolonial e descolonizante implica em uma docência sã, porque carregamos a colonialidade como veneno, como disse a antropóloga Lélia Gonzalez “Estamos cansados de saber que nem na escola nem nos livros onde mandam a gente estudar se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro e do índio na nossa formação histórica e cultural.”

Precisamos permear espaços de ensino formal e tradicional com malemolência, ginga e sabedoria para que possamos construir uma sociedade crítica e que se mobilize frente aos problemas que nos estruturam. Conhecendo outros pontos de vista, de referência, outros modos de ser e estar com e no mundo afrocentrados aos modos de resistência ancestrais.

Tudo interligado

"Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que ele só jogou hoje!"

"Porque contemplam em si os princípios masculino, feminino e coletivo em relação complementar; porque restituem a força vital aos seus descendentes, tanto aos anelados por vínculos consanguíneos quanto aos constituídos e agregados por relações familiares de escopo mais amplo, agrupados por imaginárias e simbólicas redes de pertencimento; porque balizam a vivência espiralar das temporalidades e do espaço; o princípio filosófico da ancestralidade é motriz do corpo individualizado, do corpo coletivo e do corpus cultural, de todo o pensamento sobre a condição humana, de toda a plumagem ética e estética, de toda a produção de conhecimento, em todos os âmbitos em que a mesma acontece, dos mais técnicos aos mais transcendentais ou rotineiros." (Leda Maria MARTINS, 2021. p.59)

METODOLOGIA:

Se for preciso nomear, terei que inventar. Como denominar algo que está em movimento, em transformação? Como seria um método de pesquisa que permeia espaços, performa uma educação respeitosa e atua como resistência ancestral?

Escolhi percorrer esta pesquisa, inspirada em modos de ser e estar no mundo afrocentrados e, fui organizando meus pensamentos de acordo com a cosmopercepção Africana (Oyeronke, 2020). Assim como "É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança", também é preciso ampliar as redes de conexões para se fazer uma pesquisa. Nem sempre a academia tem as respostas que precisamos, é preciso ouvir os nossos mais velhos e, também as nossas crianças.

Este trabalho percorreu caminhos de respeito, de rompimento com hierarquias abusivas, de escuta, de reza, de contemplação em frente ao mar. Foram madrugadas de leituras, enquanto amamentava minha filha pequena, escritas em meio a mudanças de casa, cidade, trabalho... Idas e vindas, dores e amores. Lágrimas, lembranças, músicas...

O caminho não foi traçado, ele foi conduzido com atenção aos sinais que foram se apresentando, assim como um jogo de capoeira, onde precisamos treinar bastante, respeitar a todos que nos rodeiam, observar como está o clima da roda, seguir o som do berimbau e pedir proteção aos nossos Orixás. Repetindo o irrepetido.

A Metodologia está cunhada e apresentada aqui como possibilidade de condução de caminhos. A trajetória é permeada por saberes ancestrais afrocentrados e espiralados em experiências de outrora, ligando o que se foi ao que está por vir. Resistindo, respeitando e tendo gratidão por tudo que nos está sendo ofertado.

A condução do processo de investigação vai acontecer a partir da oralitura, este método conduz e permeia espaços, assim como um jogo de capoeira, onde há perguntas e respostas, tentativas, erros, acertos, esquivas e rasteiras. A Oralitura está assentada aqui como parte dos ensinamentos afrocentrados, que prioriza a oralidade, o corpo e a memória como fonte de transmissão de conhecimentos, traçando um paralelo com o que acontece nas escolas onde a aula é majoritariamente oral, porém, este lugar de fala é da professora, lugar onde estes corpos devem permanecer rijos, eretos, sentados e a memória que é performada ali é a de um povo heróico, universal e majoritariamente branco. As problematizações da pesquisa, integram a capoeira e o feminino ancestral e propõem pistas de como descolonizar a escola através da matrigestão de uma educação decolonial e antirracista. Estabelecendo um olhar, uma escuta, um gesto, um aroma e um sabor diferente ao que está posto no currículo escolar, sem deixar de atender às exigências dos documentos legais que regem a educação em geral, como BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e os internos como o Regimento e o PPP (Plano Político Pedagógico) da escola escolhida.

Há muito trabalho a ser feito em nossas escolas para que possamos interferir assertivamente nas mudanças sociais que tanto necessitamos. A capoeira sempre foi um espaço de luta e resistência, seguir os passos destas mulheres capoeiristas nos possibilitará refletir e encontrar pistas para que possamos usá-las na educação de nossas crianças. Segundo Leda Maria Martins:

“Conceitual e metodologicamente, oralitura designa a completa textura das performances orais e corporais, seu funcionamento, os processos, procedimentos, meios e sistemas de inscrição dos saberes fundados e fundantes das epistemes corporais, destacando neles o trânsito da memória, da história, das cosmovisões que pelas corporeidades se processam. E alude também à grafia desses saberes, como inscrições performáticas e rasura da dicotomia entre a oralidade e a escrita. A oralitura é do âmbito da performance, seu agenciamento, e nos permite abordar, teórica e metodologicamente, os protocolos, códigos e sistemas próprios da performance, assim como o *modus operandi* de sua realização, de sua recepção e afetações, assim como suas técnicas e convenções culturais, como inscrição e grafia de saberes.” (Leda Maria MARTINS, 2021, p. 41)

A metodologinga, recorre às experiências corpografadas, as oralituras de seu povo para que possa criar estratégias de resistência e enfrentamento à colonialidade na educação. Problematizando e tensionando situações do cotidiano e que compõem o currículo escolar, abrangendo um pensamento crítico sobre as situações naturalizadas, gerando uma maior conscientização nas crianças. Esse movimento performático “grafado pela voz e pelo corpo”, que chamamos de Oralitura, da forma como se apresenta o conceito, não refere-se unicamente as formas culturais da tradição oral, mas ao que habita na performance como “traço residual, estilístico, mnemônico, culturalmente constituinte, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade” (Leda Maria MARTINS, 2003, p.77).

A oralitura se refere à literatura que tem suas raízes na tradição oral, ou seja, histórias, lendas, poemas e narrativas transmitidas verbalmente de geração em geração. Essa forma de literatura muitas vezes envolve o uso criativo da linguagem falada e é caracterizada pela sua natureza viva e fluida. Tal qual uma roda de capoeira. Não é só a performance do corpo na roda que a inscreve, mas também a palavra cantada. Voz e corpo unidos, produzindo saberes.



Representação de Leda Maria Martins publicada na revista Piauí.

A ESCOLA

"Se quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá em grupo."¹¹



Pátio da escola Suely Vacari Osório, Bairro Barra em Tramandaí RS.

Tomando a escola como terreno/terreiro escolhido para dar continuidade e colocar em prática os conhecimentos acessados durante o projeto de pesquisa, resolvi experimentar conceitos da cosmopercepção africana na minha prática pedagógica. Chego até esta escola, Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Suely Vacari Osório, localizada em um lugar de fluxo contínuo de pessoas, de movimentos, de ventos. Ela está no limite entre a cidade de Tramandaí e Imbé, litoral norte do Rio Grande do Sul, porém o que me chama atenção nela é a sincronicidade dos fatos, a escola Suely está rodeada pela praia, mar (Iemanjá), pelo rio (Oxum) e por uma ventania sem fim (Iansã).

¹¹ Provérbio Africano.



Imagem aérea da localização da escola onde aconteceu a pesquisa.

Iniciei o ano de 2023 com uma turma de 2º ano do ensino fundamental, eram 16 alunos da educação básica e tinham, em média, 7 anos de idade. Eram formados, até então, por 5 meninas e 11 meninos, digo isso porque a escola é um organismo vivo e como tal, não estanque. Ainda no primeiro semestre, entraram e saíram outros alunos, contabilizando 20 crianças, sendo 9 meninas e 11 meninos. Duas crianças diagnosticadas com TOD (Transtorno Opositor Desafiador), outras três com TDAH (Transtorno de Hiperatividade e Déficit de Atenção) e outras duas em avaliação com neuropediatra para investigar a hipótese de autismo.

Nesta turma, há fluidez, entradas e saídas, e especificamente neste lugar da pesquisa, a Escola Suely Vacari, “da Barra”, como se referem e, complementam, os moradores, sempre recebemos alunos novos, professores e funcionários com frequência. É um lugar de chegadas e partidas. A comunidade a que a escola pertence, é de pescadores locais, gente humilde que mantém um vínculo muito forte com a escola e demonstram um carinho e respeito muito grande pelos professores. Humildade, carinho e respeito que muitas vezes, os distancia do lugar de criticidade em relação ao trabalho do professor, que é tido como autoridade e pouco questionado por sua prática docente.

A proposta aqui é permear o currículo oferecido e embasado pela BNCC, LDBEN e legislações vigentes, questionando, problematizando e tensionando situações que este modelo colonialista de ensino nos impõe. Integrando e rompendo

com eles através de referenciais afrocentrados, possibilitando que suas experiências sejam comprometidas com uma educação antirracista e respeitosa.

O calendário escolar é organizado por datas comemorativas e feriados nacionais que advém do calendário cristão praticado no Brasil. Sendo assim, parto para relatos de vivência acompanhados no chão da escola e trazidos aqui para que sejam apreciados, pensados e, alguns segredos possam ser sussurrados ao pé do ouvido.

Antes de entrar no jogo, a/o capoeirista precisa olhar com atenção para a roda. Ver quem está na bateria, quem está segurando o gunga, qual ritmo estão tocando, o que diz na letra que estão cantando e principalmente, perceber o que não está sendo falado, os olhares e os movimentos de quem está compondo a roda.

Abertura do ano letivo, estamos em um período chamado de sondagem, para que possamos identificar o nível de aprendizagem em que estão nossos alunos, momento de manter olhos e ouvidos atentos ao modo como se portam, como se relacionam, quais são suas preferências e narrativas. Há crianças que fazem amizade fácil, se integram e são comunicativas, outras estão mais quietas, apreensivas e não se sentem tão confortáveis em socializar. É importante lembrar que estas crianças tinham, em média, 4 anos de idade quando o mundo foi assolado pela pandemia do Covid 19 e viveram 2 anos de isolamento social. Minha maior preocupação aqui, era de acolher e tornar este início de escolarização o mais leve possível para cada um deles, com muitos momentos de roda, escuta, conversas informais, brincadeiras e muito afeto. Tal qual, valores filosóficos africanos.

A escola Suely Vacari completa aniversário em 23 de março e, foi solicitado que trabalhássemos essa data com nossos alunos. Fomos até a biblioteca da escola pesquisarmos sobre a história da professora Suely Vacari Oósorio. Descobrimos que sua família chegou ao litoral no final da década de 50 e, como a população da cidade era de uma comunidade de pescadores, gente muito trabalhadora com sua atenção voltada para a rotina da pesca e, com pouco acesso à escola formal, foram alfabetizados pela professora Suely Vacari e por seu pai, Reinaldo Vaccari, ambos foram homenageados com seus nomes em duas escolas desta região. Abordamos em aula a relação que temos com esse “estrangeiro” que sabe algo e sente a necessidade de educar o povo com quem ele se depara. Nos perguntamos o que a família Vaccari teria aprendido com a comunidade local. Será que eles foram pescar

algum dia no rio? Será que viram os botos? Será que se banhavam no mar? Como seria o nome da escola se a história fosse homenagear a comunidade da barra?

Em roda, no chão da sala, falamos sobre como seria essa relação entre professor e aluno, expliquei que em anos anteriores a aproximação e o contato não existiam, que os professores eram autoridades dentro das escolas porque, naquela época, acreditavam que somente eles eram os detentores do conhecimento e, que os alunos eram pessoas que deveriam aprender tudo com eles. Perguntei o que eles achavam desta afirmação e, praticamente todos concordaram, então perguntei se eles não sabiam nada e, se eu estava ali para ensinar tudo a eles? Rapidamente disseram que não! Afirmaram que já sabiam ler, escrever o nome, fazer “continha”. Eu disse que concordava e, inclusive, tinha certeza que eles tinham muitas coisas a me ensinar. Alguns acharam graça.

Ham? Ensinar a professora? Como assim??? Tu já sabe tudo!

Concordo com a afirmação de Bárbara Carine PINHEIRO (2023), quando diz que a escola deve ser uma forte aliada no enfrentamento das opressões estruturais e compreendo que as relações que se estabelecem dentro das escolas, em especial quando referimos professoras/professores e alunas/alunos já deve ser utilizada como enfrentamento da estrutura social que hierarquiza saberes e anula potências infantis por julgar que somente pessoas adultas (e letradas), possuem conhecimento para ser transmitido aos demais.

“A escola é um complexo social fundamental no processo de transformação da realidade social; ela é influenciada pelo sistema, ao passo que, em contrapartida, também o influencia, uma vez que forma as pessoas que vão ocupar e ajudar a construir todas as demais instâncias sociais. Nesse sentido, a escola precisa ser uma forte aliada no enfrentamento das opressões estruturais, fundamentalmente o racismo.” (Bárbara Carine PINHEIRO, 2023).

Pedi que olhassem para as cadeiras disponíveis na sala de aula e quis saber se eles poderiam usar qualquer uma delas (já que eu não fiz espelho de classe) e, nunca determinei onde deveriam sentar, e me disseram que sim. Apontei para a cadeira da professora (a única com estofamento) e perguntei, até mesmo naquela ali?

-Não!!! Aquela gente não pode sentar.

-Mas porquê? Esta é a cadeira mais confortável aqui da sala.

-Esta é a tua cadeira!

-Mas porque eu tenho que sentar na melhor cadeira?

-Porque tu é mais velha e tem dor nas costas (nessa parte eu precisava concordar).

Então, uma aluna, compreendeu o que eu estava questionando e disse:

-Mas se a gente ficar sentado na cadeira ruim, quem vai ficar com dor nas costas somos nós!

-Exato, eu disse, então todos quiseram sentar na cadeira e perguntei se eles preferiam que tivéssemos as cadeiras, todas iguais?

Uma das crianças deu a ideia de irmos revezando a cadeira ao longo dos dias, assim, cada um teria oportunidade de sentar com conforto.

Conversamos também, sobre o meu desejo de termos uma relação mais próxima e que eu precisava de ajuda para construir um ambiente em que eles se sentissem confortáveis e respeitados em suas trajetórias de vida. Como, bem colocado por bell hooks, a maioria dos professores parece se fascinar pelo exercício do poder e da autoridade dentro do seu reininho - a sala de aula e, sucumbir a isto, é um dos meus receios. Para Muniz Sodré,

“Embora utilize a retórica como instrumento, tanto no jogo da argumentação como no uso das figuras de estilo, o discurso pedagógico transcorre sob a regência da forma escolar, que é primordialmente disciplinar, portanto corresponde ao exercício de um poder encarnado num enunciador, que se traduz na prática como o sujeito da pedagogia (Estado e professor), coadjuvado por todos os dispositivos de controle (frequência, provas, graduação etc.) do enunciatário, o aluno. É uma enunciação caracterizada por ritos de orientação, mas também de imposição e controle dos enunciados constantes da formação discursiva educacional.” (SODRÉ, 2012)

Na semana seguinte, iniciamos o que eu chamei de circuito, o que nada mais era do que atividades diferenciadas por setores dispostos na sala de aula e que eles mesmos se dividiam em pequenos grupos para experimentarem cada uma delas. Aguardei um pouco até que estivessem mais familiarizados com o sistema e comecei a ir passando em cada grupo para pedir que eles parassem por alguns minutos e olhassem ao redor, para que pudessem perceber o comportamento dos colegas nas atividades, para que conseguissem se dar conta de como é viver de modo comunitário, isso não significa que façamos sempre as mesmas coisas e ao mesmo tempo. Somos pessoas diferentes com comportamentos e desejos diferentes e, é necessário muito respeito para entendermos o tempo e as especificidades de cada um. E que fossem se acostumando a fazerem atividades em tempos diferentes dos colegas.

Iniciamos o mês de abril, dando seguimento às nossas problematizações. Aproveitei, então, para fazer uma costura com os próximos dois assuntos que iríamos abordar: Dia dos povos indígenas (19 de abril) e “Descobrimento” do Brasil (22 de abril).

O berimbau segue tocando,
 A mesma música continua sendo tocada
 Todos acompanham com as palmas, mas
 As pessoas que estão no meio na roda param
 Uma delas está com os braços abertos,
 Mantém seus pés em oposição,
 Assim faz o capoeira, um pé na frente, o outro atrás!
 É uma “chamada”¹²

Sobre a chamada, Janja ARAÚJO, 2022, diz se tratar de uma teorização do jogo que reivindica, para valorizar o próprio do jogo, a retomada de princípios e valores considerados fundamentais para que o rito de comunicação ali iniciado tenha continuidade, preferencialmente, fazendo refletir procedimentos e estratégias que garantam sua melhoria.

Figura 1 – Formas de *chamada* nos desenhos do Mestre Pastinha



Fonte: Mestre Pastinha (1889-1981). Disponível em: http://blackcalife.free.fr/datafiles/Societe/Afroworld/manuscritos_pastinha/pages/004_desenho15.htm. Acesso em: 14 jul. 2020

Imagem retirada do livro: Mulheres que gingam, onde a “chamada”, está sendo representada.

¹² Chamada, é uma pausa que um dos jogadores solicita com a intenção de trocar a energia do jogo. Dependendo da intenção do jogador, pode ser um momento perigoso. Convém atenção!

A chamada é requerida neste trabalho para que componha uma ressignificação de assuntos e temas abordados historicamente nos currículos escolares, porém, geralmente, com o mesmo enfoque colonial. Entramos no jogo, seguimos o “roteiro” (currículo), contudo, tencionamos a narrativa universalizada.

“Ou seja, quando em meio ao jogo realizado entre duas pessoas no centro da roda de capoeira, uma dessas pessoa faz uma parada, podendo estar de frente ou de costas para a outra pessoa, conforme figura acima, realizando movimentos dançados e introduzindo uma nova estética ao próprio ato de jogar, dizemos que ali foi feita uma chamada. Mais ainda, dizemos que um novo jogo está sendo reivindicado.” (Janja ARAÚJO, 2022 pg.36)

Tracei uma linha do tempo no quadro e começamos lá no finalzinho dela... Perguntei em que ano estávamos e todos responderam 2023. Escrevi esta data no quadro. Calculei o centro da linha e escrevi o número zero, então, por aproximação da distância, marcamos o ano de 1500. Então, mostrei para eles um globo terrestre, os olhinhos já começaram a brilhar. As crianças sempre se encantam quando trabalhamos com este tipo de material em aula. Mostrei onde estava localizado o Brasil e, onde estávamos, essa pontinha pequenininha aqui.

-Nossa, mas a gente é desse tamanhinho? Que pequenininho, mano.

-Achei que a gente era “mais grande”.

Estavam curiosos com outros lugares. Queriam saber onde ficava o Pólo Norte, o Papai Noel, a Disney... Até que disse a eles, que queria mostrar um pontinho ali em cima, um lugar chamado Portugal e, que nessa data de 1500, alguns navios portugueses chegaram aqui no nosso país.

-O que será que eles viram quando chegaram aqui? Será que haviam pessoas aqui? O que será que os portugueses estavam fazendo tão longe de suas casas?

Uma das alunas já disse de imediato:

-Os “índios”, moravam aqui.

Ótimo! Isso mesmo, os indígenas, estavam aqui há muitos e muitos anos, complementei. Eles se dividiam em aldeias, e se comunicavam com linguagens, costumes e tradições diferentes entre si, mas tinham em comum o cuidado com a natureza e com a continuidade do seu povo. Pedi para que imaginassem que estávamos todos nesse Brasil, que não tinha esse nome ainda, imaginar que vivíamos com a nossa família e comunidade indígena muito feliz, onde honramos a natureza e nos sentíamos parte dela, onde cuidávamos e estávamos sempre

próximos das crianças e dos mais velhos, até que certo dia, surgiram navios portugueses, falando uma língua que eles não entendiam, que usavam armas de fogo e começaram a tomar o nosso território.

-Que coisa horrível!

-Será que vocês iriam gostar? Como vocês se sentiriam?

-Com medo!

-Eu ia matar eles, respondeu outro.

-Então, sabe como Portugal chamou esse dia? Descobrimento do Brasil. E se fossem vocês e os indígenas, como chamariam o que aconteceu?

-Invasão!

-Concordo! O que vocês acham, então, de usarmos esse nome?

Todos concordaram. Seguimos nomeando este acontecimento do dia 22 de abril de 1500 como o dia da Invasão do Brasil.

Cida Bento, trás uma importante reflexão sobre a construção da memória. Vejamos:

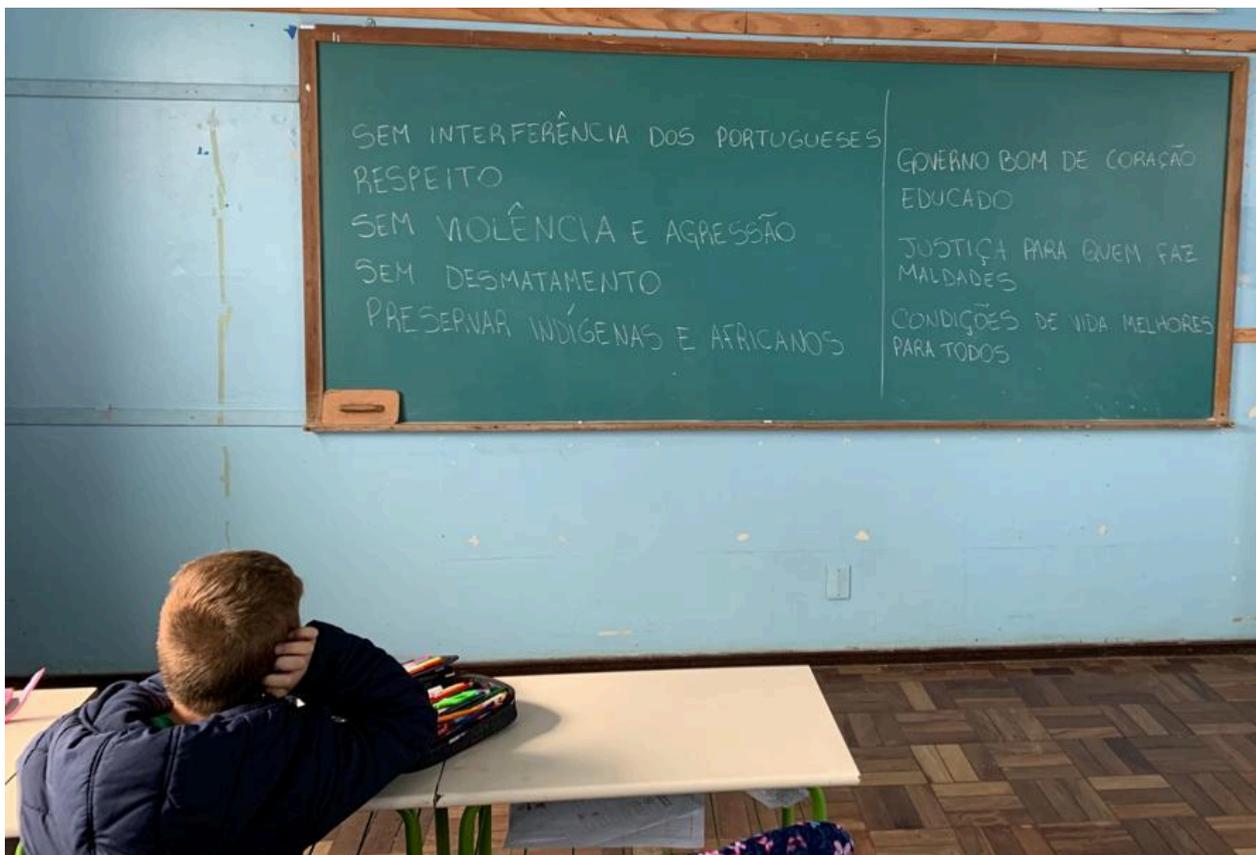
“De fato, trabalhar o território da memória é reafirmar que não se trata apenas de recordação ou interpretação. Memória é também construção simbólica, por um coletivo que revela e atribui valores à experiência passada e reforça os vínculos da comunidade. E memória pode ser também a revisão da narrativa sobre o passado "vitorioso" de um povo, revelando atos anti-humanitários que cometeram - os quais muitas vezes as elites querem apagar ou esquecer.” (Cida BENTO, 2022. pg 39)

Fizemos algumas pesquisas nos computadores da escola para que pudéssemos perceber algumas representações de indígenas diferentes das imagens que tínhamos no nosso livro didático. Vimos indígenas, de Iphone, de AllStar, indígenas cantando, Dj, ministra, professoras universitárias, médicas, influencers e muito mais. Compreendemos que o acesso a internet e a globalização não os faz menos indígenas e, que é importante que eles estejam nestes espaços para conseguirem acessar e se apropriar das ferramentas que frequentemente usam para os atingir. É a maneira que eles encontraram de permear espaços e se munir de ferramentas para lutar por seus direitos.

Assistimos ao filme *Ainbo: A guerreira da Amazônia* (2021), que tem como personagem principal, uma garota que treina para ser caçadora, ela é acompanhada por seus guias espirituais e enfrenta a ganância do homem branco que desmata e busca apenas as riquezas que a região da aldeia pode proporcionar. Um filme

bastante interessante e que traz uma mensagem muito bonita sobre preservação ambiental.

Em uma das situações, propus um brainstorming, onde cada aluno dizia um desejo sobre o que aprendemos pesquisando a Invasão do Brasil e fui anotando no quadro, conforme imagem abaixo:



Quadro de brainstorm realizados com as crianças do segundo ano.

“A educação deixa de definir-se pela incorporação intelectualizada de ensinamentos acabados, sem transformações, passando a favorecer o aprendizado da vida em liberdade. Mesmo com a ressalva de que o modelo da mestria deverá ser sempre respeitado (uma vez que a criança não pode prescindir do adulto para se formar enquanto homem e cidadão), a pedagogia se despe do velho controle rígido e da ênfase nos esforços exaustivos de memória. A antiga imposição de regras dá lugar aos interesses naturais, às emoções e aos instintos da criança, que deixa de ser considerada um homúnculo ou um indivíduo de dimensões reduzidas. Na verdade, inventa-se a infância como um estádio rigorosamente diferenciado da condição adulta.” (SODRÉ, 2012)

Interessante trazer aqui que algumas vezes tentei abordar o tema da invasão durante o período do recreio, com minhas colegas professoras, que concordaram que as invasões foram terríveis para os indígenas, mas neste primeiro momento, nenhuma delas, aceitou alterar a nomenclatura para Dia da Invasão do Brasil, a

mesma dificuldade foi percebida quanto ao dia dos povos indígenas, que infelizmente seguiram sendo nomeados de Dia do Índio, ao menos, consegui que não pintassem o rosto de nossos alunos e confeccionassem cocar de papel ofício.

O mês de maio se aproximou e com ele as movimentações para o dia das mães. Esta escola gosta de organizar eventos onde recebem sua comunidade e realizam apresentações de seus alunos. E, este foi um pedido que recebemos da direção da escola, organizar apresentações para o dia da festa. Tentei argumentar, que em outros lugares, há a escolha de uma data específica para trabalharmos o dia das famílias em detrimento da separação, dia dos pais/dia das mães, porém o argumento não foi aceito pelos demais colegas, seguimos então encontrando maneiras de gingar com o sistema educacional. Como tensiona Cida Bento, “O racismo institucional, às vezes, se refere a práticas aparentemente neutras no presente, mas que refletem ou perpetuam o efeito de discriminação praticada no passado.” (Cida BENTO, 2022 pg 78). A estratégia foi seguir a narrativa, entretanto, trazer valores filosóficos importantes nas culturas afro-brasileiras como a constituição das famílias, o comunitarismo e a matrigestão.

Comecei a pesquisar alguns materiais para que pudéssemos discutir pensamento feminista e matrigestão com crianças de 7/8 anos de idade. E, ao mesmo tempo, atender aos pedidos da direção da escola.

“Vimos que a Capoeira é uma manifestação da cultura brasileira, que se modifica e se reorganiza a todo o tempo numa perspectiva de manter-se como resposta e reação de enfrentamento à discriminação que as pessoas a ela integradas sofrem no cotidiano da sociedade dividida em classes. Dessa forma, a mudança de postura da Capoeira, de luta para dança/jogo e/ou proposta de ação psicomotora, como meio de desenvolvimento da motricidade humana é identificada com potencial a ser investigado (...)” (KEIM e SILVA, 2012 pg 77).

Lemos alguns livros, mas um em especial, chamado “O macaco danado”, ele traz em sua história um macaco que se perdeu na floresta e está à procura de sua mãe. Ele pede ajuda para uma borboleta que estava passando por ali e ela se propõe a encontrar sua mãe, mas acaba apresentando à ele, inúmeros animais diferentes. Mostra uma aranha e diz, que é sua mãe, um bicho preguiça, um elefante e muitos outros animais. Por fim, já desesperado, o macaquinho alerta:

“-Ela é igual a mim!

-Poxa, mas se vocês se parecem, é fácil, parceiro. Vamos logo descobrir seu paradeiro!

-Mas você já deveria saber! Retruca o macaco.

-Como eu poderia? Minha mãe e eu não somos nada parecidas. E mostra uma lagarta.” (Trechos do livro, O macaco danado).

Para além da metamorfose ocorrida, tensionei com as crianças algumas formas de ser mãe, que nem sempre esta função é exercida pela pessoa que gestou a criança. Falamos sobre comunidades LGBTQIAP+ e, duas crianças se sentiram confortáveis em compartilhar com os colegas que possuem duas mães. Uns acharam meio esquisito e logo perguntaram:

-Ué! E tu não tem pai?

Uma das meninas disse que sim, o pai mora em outra casa com outra família e ela visita algumas vezes e a outra disse que não, não tem pai. Outros alunos também nos contaram que tem pais separados e vivem só com a mãe. Curioso como alguns assuntos são sempre mais fáceis de serem discutidos entre crianças.

Na semana seguinte, assistimos ao filme Encanto na Disney Plus, onde é apresentada a família colombiana Madrigal, formada por sua matriarca após a morte de seu marido, quando estavam fugindo das invasões coloniais em sua comunidade. A família se instala neste pequeno vilarejo e cada integrante recebe um dom. Nesta narrativa são apresentadas diferentes formas de performances femininas. A abuela (avó), com sua postura mais rígida, cobrando e exigindo muito de todos. Sua filha mais velha tem um dom para cozinhar, consegue fazer curas com os seus quitutes, a filha mais nova é muito temperamental e performa este estereótipo machista da mulher de “TPM”, sempre muito irritada. Há a prima Dolores que é performada como uma mulher fofqueira, que escuta tudo o tempo todo. Sua irmã mais velha é a Luiza, que está sempre sobrecarregada, não consegue negar ajuda a ninguém, recusa-se a descansar e é performada como a mulher forte/guerreira que aguenta tudo. Isabela é a performance da mulher “bela, recatada e do lar”, uma menina que está sempre arrumada, penteada, com uma voz meiga, docilizada e está à procura de um casamento. Mirabel é a protagonista e sua performance é de acolhimento e escuta, sendo a mulher que ouve e aconselha.

Após assistirmos ao filme, nos organizamos em uma roda no chão da sala para conversarmos sobre esses lugares que as mulheres ocupam socialmente e se eles percebiam algumas dessas características em suas mães. E os diálogos foram assim:

-A minha mãe é a Luiza, com certeza. Ela não pára nunca, nem quando vai dormir. Eu já vi ela deitando comigo pra me fazer dormir, daí, ela fingiu que estava dormindo e, eu também fingi. Depois, ela levantou e foi fazer as coisas, lavou a louça e ficou escrevendo no computador de noite!

-A minha mãe também não pára, mas acho que ela é tipo aquela lá das comidas.

-A minha é aquela que tá sempre braba!

-A minha faz tudo, arruma a casa, faz comida, trabalha, limpa...

Perguntei se eles viam suas mães terem momentos de descanso?

-A minha mãe não, mas o meu pai sim. Ele chega do trabalho e fica lá em cima jogando video game, só sai quando a janta tá pronta!

“Assim, o gênero é socialmente construído como formado por duas categorias hierarquicamente organizadas e binariamente opostas, nas quais o masculino é superior e dominante e o feminino é subordinado e inferior. A partir dessa perspectiva, a maternidade é uma instituição generificada paradigmática. A categoria mãe é encarada como sendo incorporada por mulheres que são esposas subordinadas, fracas, impotentes e relativamente marginalizadas socialmente.” (Oyèrónké Oyěwùmí, 2016)

Seguimos refletindo sobre esse “descanso” e perguntei se eles achavam que só os homens tinham este direito, será que só eles cansam? Será que a limpeza e a organização de uma casa é de responsabilidade só das mães? E os cuidados com os filhos e os mais velhos? Os homens também devem fazer isso?

Alguns se puseram a pensar...

-Eu não sei mesmo, porque os homens são mais fortes, neh? Mas é só fazer uma coisinha e já cansam. (respondeu outra criança).

A ideia de uma masculinidade forte é incutida socialmente, mesmo nos atos mais corriqueiros, porém é possível perceber, desde muito novos, que esta “força” carece de problematizações. Ao se darem conta de que as mulheres executam trabalhos invisibilizados dentro das casas e compõem aspectos importantes para estruturarem suas famílias como cuidado, amparo emocional, atividades domésticas de limpeza, preparo das refeições e organização da qualidade destes serviços, muitas vezes acompanhados de uma jornada de trabalho, fizeram com que as crianças se dessem por conta que é cruel, excluir destas mulheres, o direito de usufruir de momentos de descanso e principalmente sobre a necessidade de divisões de tarefas e visibilidade/reconhecimento de seus esforços.

-Eu acho que quando eu chegar em casa eu vou ajudar a minha mãe a arrumar a casa!

Ótimo! E quem mais?

-Eu posso ficar com a minha irmã pra ela (mãe) preparar o jantar.

-Eu vou é falar pro meu pai: Pode saindo desse sofá e, deixa minha mãe descansar! (risos)

...

*Dois de fevereiro, dia da rainha,
que pra uns é branca. Pra nós é pretinha.*

Igual Nossa Senhora,

Panhoeira minha,

banho de pipoca, colar de conchinha.

(Emicida - Baiana)

Quando falamos em mães, dentro de uma perspectiva afrocentrada é fundamental que as crianças conheçam ou que possam contar sobre suas experiências religiosas sobre nossas Orixás/Mães. Quando mencionei isso na sala dos professores, ouvi de uma das colegas, aqui na escola:

-Não tenho nada contra a religião africana, mas não dá pra falar sobre isso na escola porque as famílias não aceitam e “vem pra cima de nós”.

Perguntei a ela se o Natal era religioso? E a páscoa, também? Mas o Estado, por direito é laico¹³, não é?

“É quase impensável uma repartição pública sem uma bíblia e um crucifixo. Ao chegar a uma delegacia, fórum, hospital, presídio, escola e demais repartições públicas, é quase impossível não ser recebido por um símbolo cristão, a dizer que o Estado não é laico e que você precisa se submeter a uma fé hegemônica.” (NOGUEIRA 2020 pg. 17)

A escola naturaliza situações hegemônicas, sustentadas pelo moralismo e pelo conservadorismo promovendo o preconceito e a intolerância religiosa¹⁴ que censura as religiões de matriz africana. Como refere NOGUEIRA (2020): “Trata-se de epistemicídio de práticas e saberes de resistência que compõem a memória africana da diáspora”.

Em aula, falamos sobre uma mãe muito especial, na cultura afro-brasileira, que está protegendo a todos e que foi homenageada nesta cidade. Iemanjá a orixá que simboliza a maternidade e a fertilidade. Mostrei a eles uma foto do Monumento que fica aqui na beira mar de Tramandaí em homenagem a Iemanjá.

¹³ Constituição Federal (1988) Art.5º, incisos VI, VII e VIII, que consagra, na condição de direito e garantia fundamental, a liberdade de consciência e crença, bem como a proteção ao seu livre exercício;

¹⁴ A expressão "intolerância religiosa" tem sido utilizada para descrever um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças, rituais e práticas religiosas consideradas não hegemônicas. Práticas estas que, somadas à falta de habilidade ou à vontade em reconhecer e respeitar diferentes crenças de terceiros, podem ser consideradas crimes de ódio que ferem a liberdade e a dignidade humanas.



Monumento a Iemanjá - Tramandaí/RS (acervo pessoal)

Imediatamente as crianças começaram a falar:

-Eu já vi!

-Eu sei onde é.

-Eu já fui lá.

-Eu sou filha de Yemanjá aqui na minha cabeça e a minha mãe também.

-Eu não tenho problema com isso, cada um com a sua religião, a minha mãe já me falou tudo isso, tem que respeitar.

Aproveitei a maneira racional com que as crianças se colocaram frente a apresentação da Orixá Yemanjá e, problematizei com eles algumas questões...

-Vocês sabem quais religiões cultuam a Yemanjá?

-A Umbanda! (respondeu uma aluna).

-Isso e, em outras religiões afro brasileiras também. Complementei:

-Estou com uma dúvida, quando pesquisamos sobre o continente Africano, a cor da pele da população de lá, era igual a desta Yemanjá aqui da praia?

-Não! Eles são negros.

-E porque a nossa Yemanjá é branca?

-Porque é mais bonita!

IÊ!

A roda pára!!!

O berimbau faz a chamada...

DOM, DOM, DOM, DOM, DOM

Será mesmo que ela é mais bonita? Vamos pensar um pouquinho sobre isso?

-Qual era a cor da pele das pessoas que invadiram o Brasil?

-Branca!

E essas pessoas forçaram todos a pensar que eles eram os mais bonitos, os mais inteligentes, que o Deus deles era mais poderoso, mais bondoso, que seus hábitos e costumes eram mais refinados, enfim. Será que eles queriam que as pessoas que foram trazidas na diáspora africana fossem vistas como bonitas e inteligentes?

-É lógico que não! Uma das estratégias que foram usadas na construção do racismo foi negar toda beleza, força e inteligência das pessoas com a pele negra.

Então eu pergunto novamente: pessoas negras podem ser bonitas?

-Sim!

E elas têm o direito de serem reconhecidas por sua força e por sua inteligência?

-Sim!

Então, vocês acham que foi colocada a imagem de uma Yemanjá branca lá no monumento porquê?

-Pra ninguém olhar pra ela (Yemanjá preta) e achar ela bonita.

E quando a gente olha pra Yemanjá branca e acha só ela bonita, estamos fazendo exatamente o quê?

-O que os portugueses queriam.

Exato!

Convidei a todos para se aproximarem e começamos a pesquisar imagens de pessoas pretas na internet, para vermos que a beleza é uma construção social, a maneira com que julgamos os cabelos crespos, black power e, qualquer outro estilo de pertencimento afro é uma maneira de sermos racistas.

Soltei os meus cabelos, que são cacheados e estavam presos por um coque (como de costume) e perguntei o que eles achavam?

Estou bonita assim? (risos constrangedores).

Vocês acham que eu poderia sair assim na rua?

-Vão dizer que tu tá escabelada!

Passei os dedos entre os fios dos meus cabelos enquanto afirmava que tinha penteado antes de prender. O que demonstrava que não houve falta de cuidado, tão pouco de higiene porque meus cabelos estavam com cheirinho do creme de pentear que eu usei. Contei a eles que quando eu era pequena minha mãe prendia os meus cabelos muito firme para não soltar e ninguém pensar que eu estava “descabelada” e, ela contava que quando ela era criança, muitos alunos riam dos cabelos dela (que também eram cacheados) e diziam que ela não se penteava.

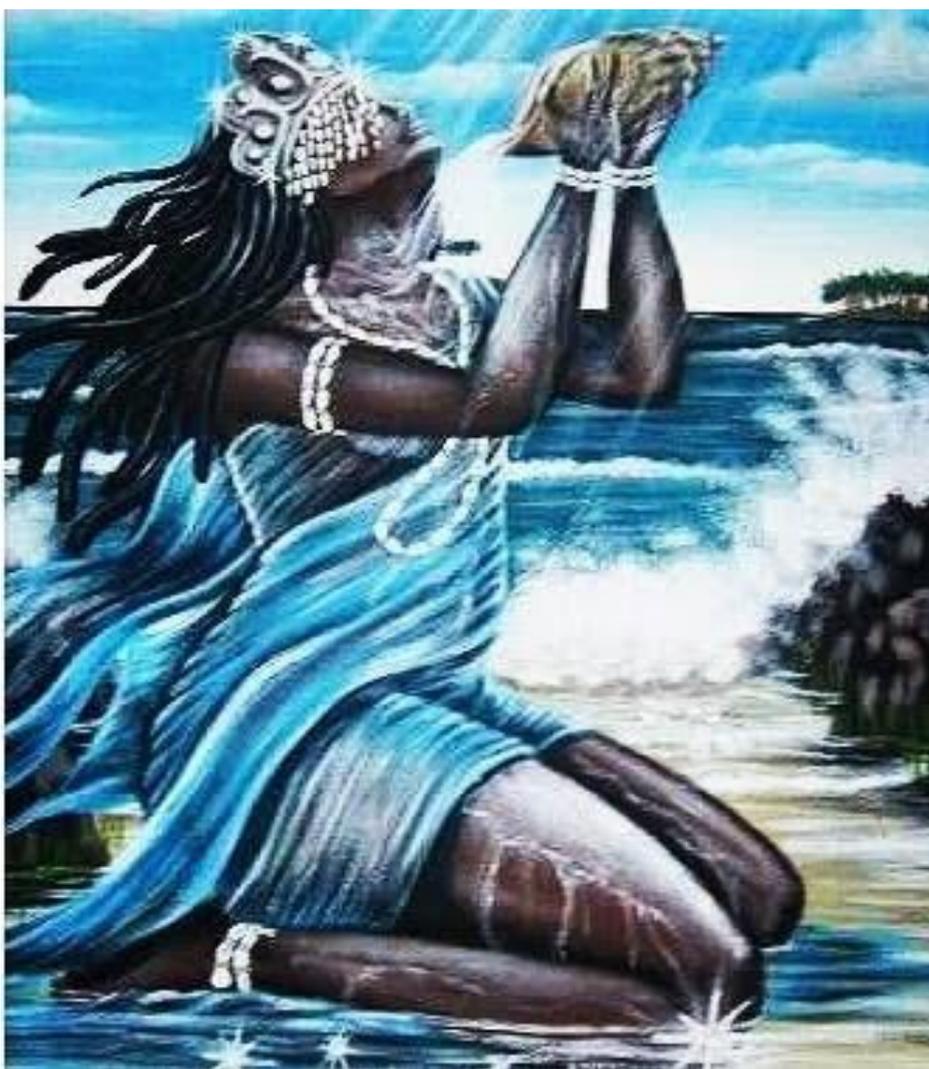
Algumas alunas se sentiram confortáveis para dizer que isso também acontece com elas. Que já perceberam que os colegas riem de seus cabelos.

Outro aluno comentou que por ele ter cabelo comprido, os “grandes” (alunos dos anos finais), chamam ele de “menininha” no recreio. E que ele não gosta disso.

Propus que todos se levantassem e abraçassem uns aos outros, que dissessem o quanto cada um é importante, bonito e se comprometessem em serem

mais cuidados para não manifestarem sejam por palavras, gestos, atitudes ou até mesmo olhares que possam magoar ou constranger quaisquer pessoas por sua aparência, sua religião ou sua sexualidade.

“O racismo religioso condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta. O racismo não incide somente sobre pretos e pretas praticantes dessas religiões, mas sobre as origens da religião, sobre as práticas, sobre as crenças e sobre os rituais. Trata-se da alteridade condenada à não existência.” (NOGUEIRA, 2020 pg.55)



Representação de Iemanjá:

<http://substanciaeaparencia.blogspot.com/2016/10/yemanja-era-negra-e-nossa-senhora.html?sref=pi&m=1>
acessado em maio de 2023.

“O preconceito, a discriminação, a intolerância e, no caso das tradições culturais e religiosas de origem africana, o racismo se caracterizam pelas formas perversas de julgamentos que estigmatizam um grupo e exaltam outro, valorizam e conferem prestígio e hegemonia a um determinado "eu"

em detrimento de "outrem", sustentados pela ignorância, pelo moralismo, pelo conservadorismo e, atualmente, pelo poder político - os quais culminam em ações preiudiciais e até certo ponto criminosas contra um grupo de pessoas com uma crença considerada não hegemônica". (NOGUEIRA 2020 pg.20)

Nossas problematizações em sala de aula estavam ganhando visibilidade na escola e, alguns dias depois recebi de uma das minhas colegas aqui da escola um livro, que faz parte de uma coleção que foi adquirida pelo município de Tramandaí para as escolas da sua rede. Ela trouxe um exemplar para mostrar aos seus alunos aqui da escola e compartilhou comigo porque sabe que eu gosto "dessas coisas".

Eita!

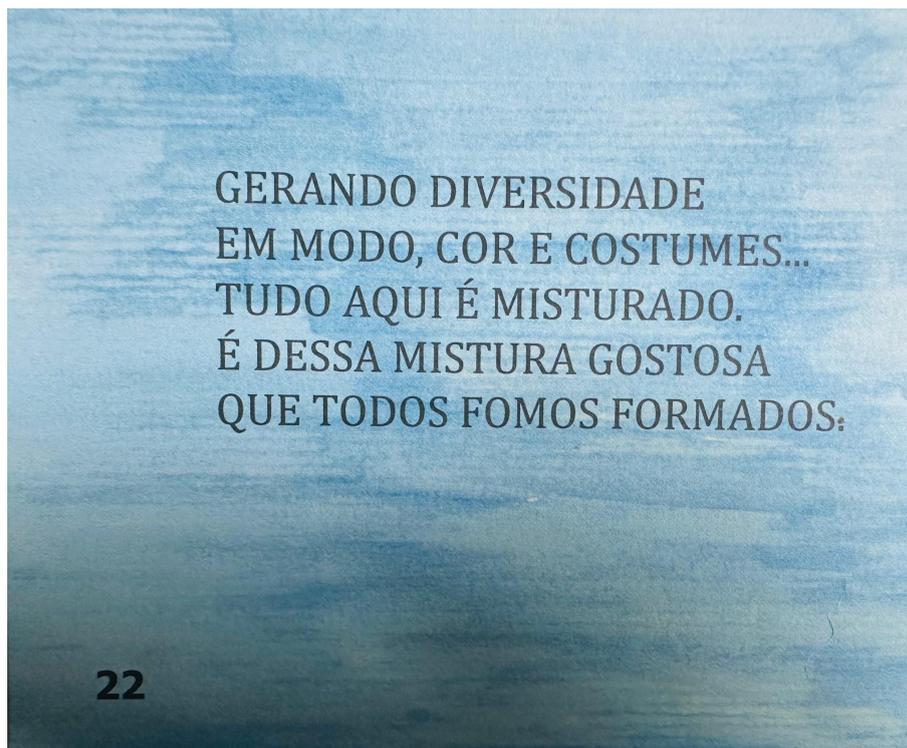
Lá vem a rasteira!

O livro intitulado: Eré, negra menina foi escrito por Fabiana Guimarães e ilustrado por Klauber Rocha (2022), ambos brancos. Este é o primeiro volume da coleção que conta com 5 exemplares. Toda coleção foi adquirida pela rede municipal de Tramandaí em grande quantidade, um para cada aluno da rede.

Verifiquei o material antes de trabalhar com meus alunos, como geralmente faço e, fiquei espantada com a maneira como foram representadas as pessoas negras no livro. Um material produzido para trabalhar ERER com crianças e que estava contribuindo para a estereotipização de pessoas negras e para naturalização destes preconceitos.



A maneira caricata com que as personagens foram representadas, em um livro sobre EREER, que deveria promover uma educação antirracista está servindo para que se mantenha uma estrutura racista e preconceituosa. Fiquei preocupada com as relações que Cida Bento (2022) coloca em seu livro Pacto da branquitude e, mesmo com o pretexto de promover EREER, somos muitas vezes capturados com a estrutura racista socialmente instituída que não nos estimula a sermos críticos e reconhecermos práticas sutis e constantes de manutenção do racismo. Em um outro trecho, há uma fala sobre a diversidade do povo brasileiro:



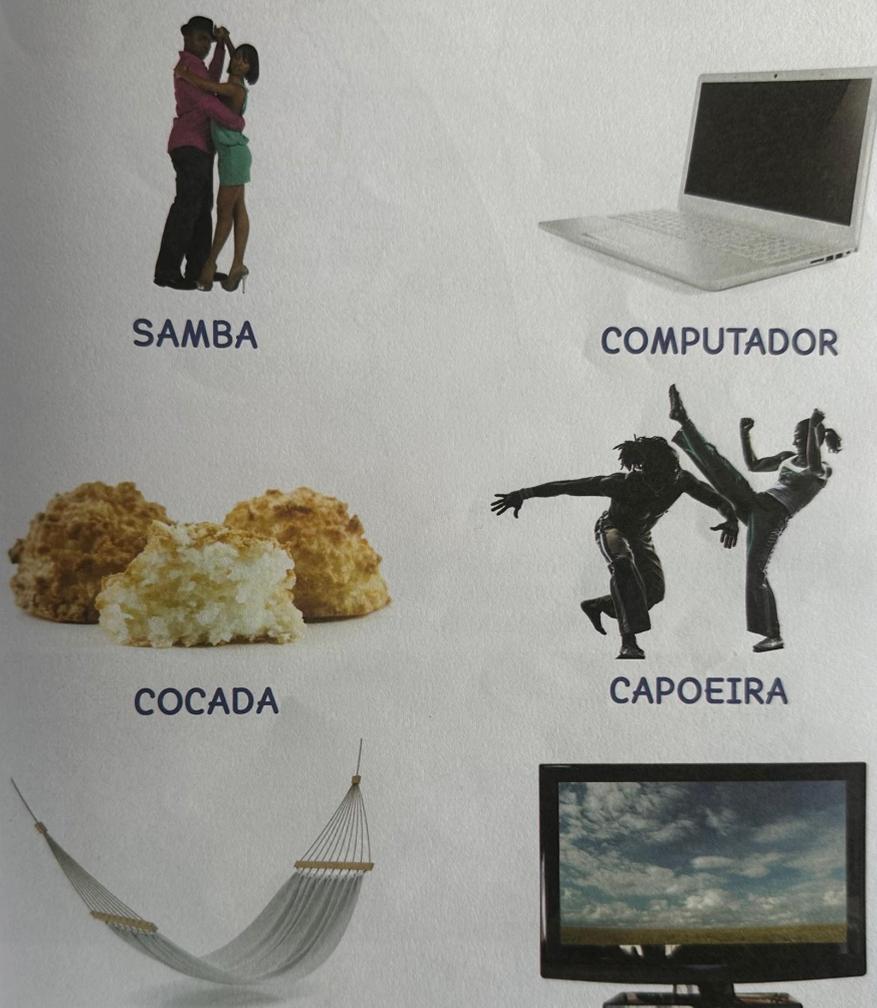
A citação: “mistura gostosa”, faz apologia aos estupros e atos libidinosos que aconteceram e foram, inclusive, estimulados por uma estrutura política que organizou um processo higienista que propunha o embranquecimento da população brasileira por meio de miscigenação que orientava, inclusive a não união de pessoas negras com a intenção de que em um período de 100 anos não tivéssemos mais uma maioria da população negra no país, ou seja, essa mistura não tem nada de gostosa. Falar/escrever isso é compactuar com a estrutura que nos mantém neste lugar de privilégios e nos distancia das nossas responsabilidades.

Fiquei muito impressionada pela maneira com que o livro trata questões tão importantes para discutirmos o antirracismo e principalmente por se tratar de uma coleção voltada para educação étnico-racial, amplamente distribuída neste município. Este livro me fez pensar em como sermos mais eficazes no desenvolvimento de questões antirracistas na escola, em ofertar uma formação continuada para professores que os instigue a serem mais críticos dos materiais usados em aula.

“Esse processo exige que lideranças, gestores e todo o quadro de trabalhadores e trabalhadoras sejam envolvidos em programas de treinamento para receber e discutir informações sobre desigualdades na sociedade brasileira e na organização onde trabalham. Cida BENTO, (2022 pg 109).

Em continuação, o livro aborda uma visão totalmente estereotipada de tudo que já falamos sobre cultura afro-brasileira e afro diaspórica. Uma visão totalmente limitada e limitante das subjetividades e conhecimentos produzidos em África antes, durante e depois das invasões colonialistas.

4 QUANDO OS NEGROS AFRICANOS VIERAM PARA O BRASIL, TROUXERAM SEUS COSTUMES, SUAS DANÇAS, SUAS MÚSICAS, SUAS COMIDAS, ENTRE OUTRAS COISAS. CIRCULE ABAIXO O QUE O NEGRO AFRICANO ACRESCENTOU À CULTURA BRASILEIRA.



SAMBA

COMPUTADOR

COCADA

CAPOEIRA

REDE

TELEVISÃO

A Cor da Gente
Diversidade Histórico-Cultural na Escola

35

Como se não bastassem as inúmeras demonstrações explícitas de perpetuação do racismo estereotipadas neste material, ainda é destinada uma

página inteira de contemplação do nosso algoz. Portugal e a cultura europeia foram contemplados no livro com uma perspectiva de idolatria e contemplação.

“O racismo institucional, às vezes, se refere a práticas aparentemente neutras no presente, mas que refletem ou perpetuam o efeito de discriminação praticada no passado.” Cida BENTO (2022 pg.78)

5 O PAI DE ERÉ É PORTUGUÊS. PORTUGAL É UM PAÍS QUE FICA NO CONTINENTE EUROPEU. PINTE O MAPA DE PORTUGAL.



6 A CULTURA BRASILEIRA TEM MUITOS ELEMENTOS DA CULTURA EUROPEIA. OBSERVE A IMAGEM ABAIXO E ESCREVA O NOME DE UMA DANÇA FOLCLÓRICA BRASILEIRA QUE TEM ORIGEM EUROPEIA.



36 A Cor da Gente
Diversidade Histórico-Cultural na Escola

Trouxe a discussão para a sala dos professores, porém no nosso curto espaço de intervalo, o recreio, e expliquei meu ponto de vista sobre o livro (outras 3 colegas também lecionam na rede municipal no contra-turno e já estavam

trabalhando este livro, sem terem percebido problema algum na narrativa e/ou nas imagens). Elas não se deram conta de nenhuma gravidade no material apresentado e disseram que eu só “via isso”, porque estava estudando no mestrado. A formação de professores falha ao não problematizar questões de Educação Étnico Raciais nos cursos de formação de professores e nem todos têm acesso a cursos de educação continuada que promovam uma maior conscientização sobre o tema. O movimento higienista que promoveu o embranquecimento e a miscigenação do país, faz parte dos processos de subjetivação de todos os brasileiros. Professoras são, como qualquer outras pessoas, cidadãs comuns que estão à mercê da elaboração racista do mundo em que vivemos, e na grande maioria das vezes, elaboração esta que acontece sem que a mesma seja percebida.

Talvez eu estivesse tão ocupada com o meu “reinho, a sala de aula” (HOOKS, 2017) que tenha esquecido de olhar na volta, de perceber o quanto é necessário formar a todas nós educadoras para as relações étnico-raciais e que este fazer crítico precisa ultrapassar os muros das universidades porque nem todas professoras têm acesso ao mestrado/doutorado ou até mesmo que os tenha feito em outras linhas de pesquisa e que não tenham contribuído para que atuem em uma perspectiva decolonial em sala de aula. O pacto da branquitude nos impede de perceber o branco como um ser racializado (Cida BENTO, 2022) e de que é cada vez mais necessário que os privilégios da branquitude sejam rompidos.

Decidi levar o livro para sala de aula para que as discussões aqui apresentadas fossem debatidas com o grupo de alunos. Apresentei a música em questão:

PAI FRANCISCO

PAI FRANCISCO ENTROU NA RODA
TOCANDO SEU VIOLÃO!
DA...RA...RÃO! DÃO!
VEM DE LÁ SEU DELEGADO
E PAI FRANCISCO FOI PRA PRISÃO.

COMO ELE VEM
TODO REQUEBRADO
PARECE UM BONECO
DESENGONÇADO.

DOMÍNIO PÚBLICO

DOMÍNIO PÚBLICO

A Cor da Gente 39
Diversidade Histórico-Cultural na Escola

A maioria dos alunos já conhecia a música que ficou bastante famosa com a versão da “Galinha Pintadinha”, porém perguntei sobre o que falava a música e eles disseram: Sobre o homem que foi pra prisão!

Conversamos sobre a expressão “pai Francisco” usada na música e se eles saberiam o motivo? Perguntei por qual razão o pai Francisco foi preso? Qual crime ele cometeu?

As crianças não sabiam identificar qual foi o crime cometido. Eu também indaguei porque ele estava sendo chamado de PAI Francisco? Por que não era o SEU Francisco, o SENHOR Francisco?

-Porque ele era pai, ué! Respondeu uma criança.

Expliquei a eles que o termo “pai” é usado pelo líder nas religiões afro-brasileiras, parecido com um padre, pastor ou cacique. Então, o “Pai de Santo” assim como a “Mãe de Santo”, são as pessoas que guiam e auxiliam dentro das religiões de matriz africana. O PAI Francisco, citado na música, dentro da cosmologia das religiões afro-brasileiras é uma entidade espiritual, um PRETO VELHO. Que é incorporado pelo médium durante a sessão, ele é um ser de luz, muito sábio e respeitado por sua ancestralidade. Viveu há muitos anos atrás no período da escravidão, ele vem à terra para trabalhar, ajudar, orientar e proteger.

Trabalha com ervas, indica banhos de limpeza, chás e entende de curas. Por serem entidades muito velhas, andam curvados e precisam de uma bengala.

Perguntei novamente se eles conseguiriam pensar o porquê Pai Francisco foi pra prisão?

-Porque ele tava tocando violão?

Isso! Ele foi preso por tocar violão, mas vocês já viram alguém ser preso por tocar violão?

-Não!

Acontece que ele era um homem negro, Pai de Santo e, havia uma lei aqui no Brasil (Código Penal de 1890) que dizia que as pessoas pretas eram proibidas de tocar ou portar instrumento musical.

-Não acredito! As crianças ficaram impressionadas.

Ainda conversamos sobre o trecho: “como ele vem todo requebrado, parece um boneco desengonçado”. E surgiram algumas possibilidades:

A primeira, foi trazida por mim, expliquei aspectos da corporeidade nas culturas africanas e de como eles entendem que não há separação entre corpo e mente. Que eles entendem que somos inteiros, logo, o corpo também faz parte dos processos de aprendizagem e, essa foi uma diferença bem importante nos modos de ser e estar com e no mundo afrocentrados. O pensamento universalizado europeu defende que a mente pensa, sendo assim, os modelos de ensino ignoram a necessidade de desenvolvimento corporal e privilegiam que esse corpo se mantenha parado durante as aulas. Comentei que quando eu fui aluna criança, eu precisava sentar com as pernas abaixo da classe e com a postura ereta na cadeira. O movimento só era tolerado nas aulas de educação física. Não tínhamos liberdade de fazer rodinha, sair do lugar ou até mesmo sentar no chão da sala.

-Que chato isso!

Sim, mas na verdade isso já era visto como uma evolução, porque no tempo em que meu pai frequentou a escola, aconteciam até castigos físicos como ajoelhar no milho e os professores usavam uma “palmatória” para bater nas crianças e, que os pais concordavam com isso.

-Nossa “véio”, já pensou, o cara vem na escola e ainda apanha da professora, ainda bem que a nossa é boazinha e não bate em nós!

Na verdade, isso deixou de acontecer porque alguns movimentos foram protestando contra estas ações violentas nas escolas e muitas leis foram criadas

para defender o direito das crianças. E que é importante eles entenderem disso para que também possam defender o direito das crianças. E que temos no Brasil um conjunto de leis que defendem as crianças, chamado ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, então nele está garantido o direito de vocês brincarem, terem lazer, cuidados e serem respeitados até mesmo aqui na escola.

Um aluno que havia chegado a pouco tempo na turma disse que na escola dele ainda era assim. E nos contou:

-Lá na outra escola era assim. A professora não deixava “nóis fazê” nada. Ficava o tempo todo xingando e mandando “nóis” fica quieto!

Esse entendimento de corpo em movimento é uma prioridade das cosmologias africanas, assim como a roda e a musicalidade. Existe um entendimento que o nosso desenvolvimento, físico, mental e espiritual passa pelo corpo, então há necessidade de cuidado com esse corpo, até porque eles acreditam que esse corpo é uma matéria aqui da terra e que o espírito é imortal e retorna em outros corpos e em outros momentos.

Quando a música chama o requebrado de desengonçado, está fazendo “um deboche” do gingado do Pai Francisco.

Foi quando uma aluna me surpreendeu com outra versão. Ela disse que o jeito que ele estava voltando “todo requebrado, parece um boneco desengonçado” era porque ele tinha apanhado lá na cadeia, que o cunhado dela já tinha dito que lá na cadeia a gente apanha de todo mundo”.

Comentei com ela que eu nunca tinha pensado nisso, mas que fazia muito sentido. E que infelizmente ocorreram e ainda ocorrem muitas crueldades com pessoas negras. E que é por isso que a profe tenta conversar com eles sobre essas coisas, para que eu possa aprender com eles e que eles também possam ensinar em casa tudo que estamos aprendendo aqui, juntos.

No outro dia, fiquei muito empolgada em dividir essa história na hora do recreio e, desta vez, as colegas estavam mais interessadas, talvez pelo fato de ser uma música do folclore, e de conhecimento delas, mas também ficaram impressionadas com os tensionamentos. Elas disseram que nunca tinham parado para pensar nisso. Que era “só uma música!” Uma colega ainda comentou:

-Nossa, o que mais que eu já não andei ensinando errado por aí!

DOM, DOM, DOM DOM DOM

Gunga tá chamando...

A roda pára

Mas porque?

O jogo tinha esquentado!

Fora da roda, o diretor e a vice-diretora se desentenderam

Olhares apreensivos

Uma reunião foi convocada e,

Lá veio a notícia...

Ambos saíram dos cargos.

Estamos à deriva!

Em meio a um clima muito tenso, tentamos seguir. O mês de junho chegou e com ele as festividades juninas, celebrações de santos da igreja católica, São João, São Pedro e Santo Antônio. Julguei que fosse necessário explicar para as crianças que esta data narra a perspectiva histórica e as crenças de um grupo específico, mas que existem outros e, que muitas vezes pensam totalmente diferente da lenda/crença que é contada.

Durante as Festas Juninas, são trabalhados costumes e tradições da região norte e nordeste, o que é bem importante para nós conhecermos a diversidade de culturas que temos espalhadas aqui no Brasil e que nos caracterizam como país, já que estamos na região sul e temos costumes diferentes em razão da nossa (re) colonização ter sido, planejada pelo governo. Através do pensamento higienista, foram incentivadas várias estratégias para promover o embranquecimento da população brasileira e, com isso, foram trazidos alemães e italianos, há muitos anos atrás, para a região sul. Dando-lhes terras, acesso à educação e oportunidades de emprego, as quais foram negadas as pessoas negras que viviam no Brasil.

Quando iniciei a aula, já fui logo dizendo que estes santos pertencem a religião católica e que estas histórias que narram o que aconteceu com esses santos estão escritas no livro sagrado deles chamado bíblia. Este também é um ponto de diferenciação entre as religiões de matrizes africanas, praticadas no Brasil, porque não há uma bíblia ou um livro sagrado que contém todos os ensinamentos divinos, pelo contrário, as religiões de matriz africana precisam ser vivenciadas, dentro de

uma terreira e estas experiências são atravessadas pelo corpo e transmitidas de modo oral e na prática através da convivência com seus mais velhos.

Quando eu era criança não me recordo de ter aprendido a duvidar ou ao menos a perceber que as histórias que eu aprendi na escola foram contadas com uma perspectiva única, tão pouco que haviam outras religiões que mereciam destaque, reconhecimento e acima de tudo respeito! Tudo sempre foi tratado como universal. Lembrei de Chimamanda NGOZI quando menciona o perigo de uma história única e encontrei um filme que fazia esse questionamento. Uma animação da Netflix, *A Fera do Mar* (2022), o filme traz uma menina negra como personagem principal, que foi criada em um orfanato mantido pelo Reinado. Acontece que ela tem um grande fascínio pelos piratas e sonha em ser uma, já que seus pais também foram. Eles morreram em batalha lutando contra as feras do mar para defender o Reino. Ela conhece uma a uma das histórias das batalhas porque é uma leitora voraz, porém certo dia, ela conhece uma destas feras e percebe que ela não é tão má assim como contam as histórias. Então, ela se dá conta de que todos os livros que ela leu sobre as feras do mar foram escritos pelo Reino, ou seja, uma história única.



Vídeo com a cena onde Maisie percebe que todos os livros que ela leu foram escritos pela Coroa.

IÊ!

Mais uma interrupção

Desta vez, fomos convocadas pela 11^a Coordenadoria Regional de Educação, litoral norte. Por ser uma escola pequena, nosso quadro é reduzido e tínhamos apenas 4 professoras nomeadas na escola. Como houve a vacância do diretor, uma de nós precisaria assumir a função de diretora. Entre nós quatro, haviam duas colegas que eram professoras nomeadas, concomitantemente no município e no estado e não poderiam assumir 40 horas no estado, a outra estava retornando de licença saúde e ainda estava em tratamento, sobrando somente eu e, que também não tinha o desejo de assumir esta responsabilidade no momento porque tenho dois filhos pequenos e estou cursando o mestrado já em fase final, porém fui convencida de que teria o apoio de todas se eu aceitasse a nova função de diretora da escola, neste momento.

E foi desta forma repentina, que saí do jogo. Ainda sigo na roda, porém, desta vez, sou eu quem está no gunga. E que baita desafio, tudo isso! Estou, agora, diante de desafios ainda maiores. Acessando informações que, até então, não conhecia. Desejo seguir pesquisando e aprendendo a permear esta educação que se mostra cada vez mais desafiadora.

Salve meus Mestres!

Salve a Ancestralidade,

Salve os meus mais velhos,

Salve os meus mais novos,

Salve o povo de terreiro,

Salve a todos que chegaram até aqui.

Axé!

FECHAMENTO

"Viver é partir, voltar e (re)partir"¹⁵

Esta pesquisa propôs dissertar sobre pistas para descolonizar saberes que estruturam e fundamentam práticas docentes que, na maioria das vezes, são reproduzidas na escola, sem que tenham sido refletidas e/ou discutidas. Para isso, foi escolhida a capoeira e o feminino ancestral como estratégias de enfrentamento ao pensamento eurocentrado generalista que impõe um modelo social pautado na discriminação e no preconceito, privilegiando e universalizando um grupo étnico em detrimentos de outros.

O enfoque da pesquisa envolveu a colaboração ativa das pessoas que compõem a escola, em especial aos alunos da turma 21 da escola Suely Vacari Osório, litoral norte gaúcho e, visou entender e interagir com práticas e estratégias de enfrentamento ao padrão colonialista que sustenta o currículo e as práticas pedagógicas de ensino, promovendo alterações nos modelos e na realidade social deste grupo.

A metodologia foi assentada na oralitura que enfatiza a oralidade, a memória como agente ancestral e a corporeidade como promotoras de um caminho possível para valorização da cultura afro-brasileira e africana, permeadas em um terreno/terreiro muito significativo para mim que é a capoeira. Busquei construir estas narrativas com conhecimentos e experiências compartilhadas por mulheres e homens negros, capoeiristas, acadêmicos, membros da comunidade escolar, crianças e vivências que tive em escolas e na capoeira.

Partindo do entendimento de Bárbara Carine PINHEIRO, (2023) de que:

“A escola é um complexo social fundamental no processo de transformação da realidade social; ela é influenciada pelo sistema, ao passo que, em contrapartida, também o influencia, uma vez que forma as pessoas que vão ocupar e ajudar a construir todas as demais instâncias sociais. Nesse sentido, a escola precisa ser uma forte aliada no enfrentamento das opressões estruturais, fundamentalmente o racismo.”

A educação brasileira universaliza conceitos e estrutura a sociedade racista em que vivemos, necessitando de enfrentamento para que mudanças sejam produzidas e tenham impacto na educação. Precisamos fomentar uma educação antirracista, que combata o machismo e as formas de preconceito.

¹⁵ Trecho da música: É tudo pra ontem. Emicida (2020).

Quando iniciei o mestrado, pensava em pesquisar sobre a capoeira e a educação por serem assuntos de meu interesse. Iniciei na capoeira e no curso de magistério no mesmo ano, em 2006 e pensava em como a capoeira poderia auxiliar na educação, por ser uma arte de libertação social que promove consciência corporal. Entretanto, ao aprofundar a pesquisa, fui descobrindo outras problematizações que envolviam a capoeira e a educação, sobretudo em relação à colonialidade a que fomos submetidos. A partir disso, busquei por bases de fundamentação e argumentação teórica afrocentradas que estruturaram meu trabalho e se refletem nesta escrita. Senti a potência e a necessidade de um maior aprofundamento na cosmopercepção afrocentrada, e permeei outras possibilidades de ser e estar com e no mundo, contrárias às perpetuadas em nossas escolas, entendendo que os valores cosmológicos que aprendi através da capoeira seriam uma estratégia descolonizante de saberes e uma possibilidade de referenciar a ancestralidade afro-brasileira na escola, diferentemente das experiências que vivi como aluna.

Fui bastante dedicada na escola, tirei boas notas, mas não fui capaz de perceber a estrutura de opressão a que fomos submetidos. Minha escolarização primava por apresentar uma Europa salvadora, indígenas como povo não civilizado e negros como escravos. Foram necessárias muitas leituras para que eu pudesse perceber o quanto a escola me forjou, limitou e impediu que eu acessasse os outros lados da história. A partir disso, fui redirecionando minha pesquisa, por me dar conta dos mecanismos de superação que a população negra teve ao longo desta trajetória e perceber que a capoeira pertence a um movimento que estrutura a resistência negra. A escola e a capoeira, juntamente com outros meios de resistência como o funk, o samba, o hip hop, a terreira, o candomblé precisam estar nas nossas escolas, diariamente, para que possamos discutir nossa estrutura de preconceitos e privilégios, almejando que nossa sociedade seja mais equânime.

Ao compreender outras formas de ser e estar no mundo e tomar como escolha os modos de vida afrocentrados, fica evidente o lugar de honraria, poder e matrigestão feminino e o quanto o ocidente organizou maneiras de anular a força feminina. Nesta pesquisa, concluímos a necessidade de rompermos com esse pensamento hegemônico e nos valermos da educação como promotora desta mudança de paradigmas na escola e conseqüentemente na nossa sociedade.

Esú, movimenta, comunica, liga pontos e desfaz outros, foi com sua permissão e, da mãe Yemonjá, que cheguei até aqui. Posso garantir com vigor que estar como aluna neste curso de Mestrado foi um dos maiores desafios que já enfrentei. Independente de quaisquer título que o programa propõe, as aprendizagens que foram oportunizadas e, continuam sendo, cruciais para minha docência, meus posicionamentos, minha maternidade, minha relação com meus mais velhos e com a maneira de ver/sentir/ouvir/cheirar o mundo que me cerca.

O sonho que mobilizou esta pesquisa foi o de estudar as possibilidades de uma educação integral e sensível que também se colocasse como decolonial no sentido de buscar a reconexão entre corpo, mente e espírito a partir de valores e saberes afro-centrados. Reforça-se a importância deste estudo como um elemento estimulante no processo de reflexão sobre cultura africana na sala de aula resgatando origens que devemos respeitar e valorizar, promovendo uma educação antirracista, com diversidade e equidade.

E, junto a tudo isso, a certeza de que os desafios não terminam aqui. Peço licença para encerrar esta escrita, reiterando minha gratidão por tudo que me foi oportunizado durante este percurso e, se possível, peço permissão para seguir adiante, multiplicando, transmitindo e lutando! Ogunhê, meu pai!

“Filho, abrace sua mãe
Pai, perdoe seu filho
Paz, é reparação
Fruto de paz
Paz não se constrói com tiro
Mas eu miro, de frente
A minha fragilidade
Eu não tenho a bolha da proteção
Queria eu guardar tudo que amo
No castelo da minha imaginação
Mas eu vejo a vida passar num instante
Será tempo o bastante que tenho pra viver?
Eu não sei, eu não posso saber
Mas enquanto houver amor, eu mudarei o curso da vida
Farei um altar pra comunhão
Nele, eu serei um com o mundo até ver
O ponto da emancipação
Porque eu descobri o segredo que me faz humano
Já não está mais perdido o elo
O amor é o segredo de tudo
E eu pinto tudo em amarelo

...

Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós”

PRODUTO

"Meus primeiros livros de história foram discos"¹⁶

Proponho usar esta pesquisa para que outros possam acessar, ouvir, questionar e seguir por estes ou outros caminhos de enfrentamento, combate e conscientização do racismo que estrutura a nossa sociedade e as nossas escolas. A musicalidade da capoeira, os enredos das escolas de samba no carnaval, o rap, o hip-hop e o próprio samba me proporcionaram um primeiro acesso às questões étnico raciais e o enfrentamento ao racismo no Brasil.

Para continuar na luta, resolvi contar alguns "segredos de boca a ouvido" (Leda MARTINS, 2022), os quais foram descobertos nestes anos de capoeira, de docência e de discencia. Motivada pelas oralituras de Leda Maria Martins, criei um PodCast no Spotify com episódios que buscam auxiliar professoras e professores que assim como eu, buscam romper com o privilégio de uma narrativa hegemônica e colonialista na educação. Promovendo e ampliando discussões sobre conceitos do "chão da escola" que passam despercebidos em nosso dia a dia. Como menciona Cida Bento, "O racismo institucional, às vezes, se refere a práticas aparentemente neutras no presente, mas que refletem ou perpetuam o efeito de discriminação praticada no passado." (Cida BENTO, 2022 pg 78)

Neste podcast, sugiro autoras/autores negras/negros, livros, músicas e currículos que privilegiem outros modos de pensamento com e no mundo afrocentrados. O programa fica gravado e tem acesso gratuito através da plataforma ou aplicativo, basta acessar: <https://open.spotify.com/show/4H7VqjGTfxISlHe8oS01IR>



¹⁶ Emicida em entrevista após o lançamento do álbum AmarElo. <https://racismoambiental.net.br/2020/12/12/emicida-nossos-livros-de-historia-sao-os-discos/> Acesso em 15 de agosto de 2023.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP n. 003/2004 de 10 de Março de 2004. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico- raciais e para o ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 maio de 2004.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil** (18 de setembro de 1946). Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm. Acesso em 10 de agosto de 2022.

BRASIL. Presidência da República. **Lei No 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em 10 de agosto de 2022.

BRASIL. Constituição Federal do Brasil. **Capítulo III. Da Educação, da Cultura e do Desporto. Seção I. Da Educação**. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_18.02.2016/art_206_ > Acesso em 10 de agosto de 2022.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: . Acesso em: 09 jun. 2022.

CARVALHO. Talita. **Capoeira: um ato de resistência**. Politize. 2018. Disponível em <https://www.politize.com.br/capoeira-um-ato-de-resistencia/> . Acesso em de jun. 2021.

CENSO ESCOLAR 2021. Disponível em:
 <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar>> INEP, 2021. Acesso em 14 de outubro de 2022.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Editora: Veneta, 2020

Escolarizando o Mundo - Completo Legendado [Schooling the world]. Lost Films Peoples, 2015. Disponível em:
 <https://www.youtube.com/watch?v=6t_HN95-Urs>. Acesso em: 12 de mar. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Editora: Pallas. Rio de Janeiro. 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Por uma Revolução Africana. Textos políticos**. Editora: Zahar, Rio de Janeiro. 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para rosas negras**. São Paulo: UCPA, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo-afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir : a educação como prática da liberdade / bell hooks**; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JÚNIOR, Érico Tavares de Carvalho. **O efeito tradicional: Histórias, memórias e trajetórias na capoeira angola de Porto Alegre/RS**. Dissertação de Mestrado. UFRGS, Porto Alegre, 2019

KAERCHER, Gladis S., FURTADO, Tanara F. (Orgs). **Igualdade racial na educação básica**. UNIAFRO/UFRGS. 1ª edição. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

Katiuscia Ribeiro apresenta o conceito de cultura. Direção: Silvana Moura. Produtora: GNT. 28 de abr de 2022. Disponível em:
 <<https://www.youtube.com/watch?v=aK9K-jWGygQ>> Acesso em: 21 de mai de 2022.

Katiuscia Ribeiro explica ancestralidade e sua presença na cultura diaspórica. I O Futuro é Ancestral. Direção: Silvana Moura. Produtora: GNT. 07 de abr de 2022.

Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=h03cAD1EKNw&list=PLvvfh7mIR8VaegOuqry15FAqNwU1q0JRX&index=6&t=232s>> Acesso em: 20 de mai de 2022.

Katiuscia Ribeiro explica o conceito de epistemologia: O Futuro é Ancestral.

Direção: Silvana Moura. Produtora: GNT. 14 de abr de 2022. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=CxbYXOy0clA>> Acesso em: 21 de mai de 2022.

KEIM, Ernesto Jacob; SILVA, Carlos José. **Capoeira e Educação Pós-Colonial: Ancestralidade, Cosmovisão e Pedagogia Freiriana.** Jundial, Paco Editorial: 2012.

MAGALHÃES, Paulo Andrade. **Jogos de Discursos. A disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana.** EDUFBA, Salvador, 2011.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela.** Cobogó. Belo Horizonte. 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** Revista do PPAV/EBA/UFRJ. Rio de Janeiro, 2016.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista.** 3ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. **Quilombola e intelectual.** São Paulo: UCPA, 2018.

NJERI, Aza e RIBEIRO, Katiuscia. **MULHERISMO AFRICANA: Práticas na diáspora brasileira.** Currículo sem Fronteiras, v. 19, n. 2, p. 595-608, maio/ago. 2019.

NOGUEIRA, Sidinei. **Intolerância Religiosa,** 2020. São Paulo. Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Intolerancia_Religiosa_Feminismos_Plurais_Sidnei_Nogueira.pdf?1599239392. Acesso em: 30 ago 2023.

ONOFRE, Joelson A. **Repensando a questão curricular: caminho para uma educação anti racista.** Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 4, n. 4, 2008.

O que o seu coração diz sobre filosofia africana? | O futuro é ancestral | katiuscia Ribeiro. Direção: Silvana Moura. Produtora: GNT. 04 de abr de 2022. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=mxJEmiUvnJ8&t=252s>> Acesso em: 21 de mai de 2022.

OYÈRÓNKÉ, Oyéwumi. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero** / Ogèrónké Oyéwúmi; tradução Wanderson Flor do Nascimento. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

OYÈRÓNKÉ, Oyéwumi. **Matripotência: iyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas [iorubás]** / Ogèrónké Oyéwúmi; tradução Wanderson Flor do Nascimento. - Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2016.

PACHECO, Eduardo Guedes. **Por uma (des)educação musical**. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista** (livro eletrônico). São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. ePUB.

PINHO, Osmundo. **Cativeiro: antinegitude e ancestralidade**. Salvador: Editora Segundo Selo, 2021.

POGLIA, Marco Antônio. **Todo mundo não é um, paraná! Uma perspectiva etnográfica sobre a capoeira angola**. UFF. Rio de Janeiro, 2014.

POGLIA, Marco Antônio. **Mandinga, malícia e manha. Por uma cosmologia angoleira**. UFRGS. Porto Alegre, 2010.

Quando eu venho de Luanda - Mestre Toni Vargas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MXsmsgmBMbPY>>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das Letras. São Paulo. 2019.

SANT'ANNA, Wania. **Marco Conceitual do Projeto A Cor Da Cultura**. 2015. Disponível em <http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/documentos/Marco%20Conceitual.pdf> Acesso em jun. 2021.

SOARES, Carlos Eugenio Líbano. **A capoeira escrava no Rio de Janeiro 1808 – 1850**. Tese de doutorado em História Social do Trabalho Campinas: Unicamp, 1998.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Editora Vozes. São Paulo, 2017.

SOUZA, Luan Sodré de Tourinho. **Educação musical afrodiaspórica: uma proposta decolonial a partir dos sambas do Recôncavo Baiano**. Revista da ABEM, vol. 28, p. 249 – 266, 2020.

TRUTH, Sojourner. **E não sou uma mulher?**. Tradução: Osmundo Pinho. Geledés Instituto da Mulher Negra, São Paulo, 08 jan. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf> Acessado em: 29 jul. 2022.

UNIAFRO/UFRGS. **Igualdade racial na educação básica**. KAERCHER, Gladis S., FURTADO, Tanara F.(Orgs).1ª edição. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

YALA, Yashodhan Abya. **Da raiz do embueiro às sementes de babá - CoMPaz: história, memória e resiliência**. Casa Leiria. São Leopoldo, 2021.

Disponível em: <http://www.guaritadigital.com.br/casaleiria/acervo/compaz/daraizdoembueiro/index.html> acesso em 15 de maio de 2022.

ZONZON, Christine. **Nas rodas da capoeira e da vida: Corpo, experiência e tradição**. 1. ed. Salvador: Edufba, 2017.